



Ano 12 - Nº 62 - 2009 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**Crianças
trabalham
valores que
garantem o
futuro da Terra**

www.appai.org.br



Internet: Amiga ou inimiga da educação?

Eduardo Shinyashiki *

A Internet é, muitas vezes, vista como inimiga da educação, sendo retratada como um ambiente descontrolado onde sobram material pornográfico, inutilidades várias e artigos de cultura inútil. Mas alguns profissionais, atualizados com as evoluções no mundo da comunicação e da web, enxergam esse mundo possível com outro olhar: nessa terra sem lei, não faltam oportunidades, mesmo que anárquicas, de conhecimento, ferramentas usáveis na sala de aula e fora dela, úteis na hora de manter o aprendizado dos alunos em momentos de diversão e descontração.

A Wikipédia é um dos exemplos mais claros de como o digital pode favorecer o conhecimento e o desenvolvimento intelectual. Com 7,5 milhões de artigos, o site colaborativo pode ser alterado por qualquer um e se apresenta como uma poderosa ferramenta educacional, exibindo vários portais de conteúdo educativo com materiais de Arte, História, Matemática e Filosofia. Mas é importante deixar claro que a Internet só é fonte de conhecimento quando o usuário procura por isso. Caso contrário, a criança ou o jovem se desviarão de todo e qualquer conteúdo interessante e atingirão materiais que nada agregarão à sua formação.

É nesse momento que o educador entra em cena. Mostrando caminhos, abrindo trilhas pelas teias de informação e mostrando o alvo certo ao aluno. A escola deve ultrapassar as cadeiras tradicionais e invadir o espaço eletrônico, ensinando o aluno a utilizar com consciência o mundo de possibilidades que é a Internet. Não podemos esperar que uma criança de nove anos prefira o site da TV Escola aos jogos do Cartoon Network; é função de pais e educadores mostrar que páginas educativas podem ser interessantes e divertidas.

Quanto aos adolescentes, muito do que eles sabem sobre a grande rede foi aprendido de forma autodidata, e muito desse aprendizado não está focado na qualidade, mas na facilidade. Um exemplo claro é o número de trabalhos feitos na base do "copia e cola". Esse mau hábito pede por reeducação e conscientização dos jovens, no sentido de que o aprendizado ocorre superficialmente com um método no qual uma pesquisa acontece apenas com o clique do mouse, e não com o bater do teclado e o giro do pensamento.

Cabe a pais e educadores, a partir das informações aqui contidas e em outros inúmeros artigos sobre Internet e aprendizado, decidirem como usar essa poderosa ferramenta a favor da educação e do desenvolvimento intelectual de seus filhos e alunos.

***Eduardo Shinyashiki** é consultor, palestrante e diretor da Sociedade Cre Ser. Autor do livro "Viva como você quer viver", da Editora Gente. Para mais informações, acesse www.edushin.com.br.



Motivação na aprendizagem

Cássia R. M. de Assis Medel *

O professor deve lançar mão de recursos que levem o aluno à motivação para que a aprendizagem ocorra, realmente, de maneira eficaz. Será possível ainda formar cidadãos éticos e interessados no saber?

Os professores estão sempre se perguntando sobre o que devem fazer para que os alunos realmente aprendam. Segundo o dicionário Silveira Bueno, motivação quer dizer exposição de motivos ou causas; animação; entusiasmo. Através dessas definições, pode-se constatar que estar motivado é estar animado, entusiasmado. Para isso, é necessário ter motivos para se chegar a esse estado.

Educação requer *ação* e, como resultado dessa ação, há o *aprendizado*. Mas para que se realize a ação e esta resulte no aprendizado é necessário, inicialmente, que haja a *vontade*; nesse caso, a vontade de aprender. O professor deve descobrir estratégias, recursos, fornecer estímulos para que o jovem se sinta motivado a aprender. Seguem alguns exemplos:

- Dar tratamento igual a todos os alunos;
- Aproveitar as vivências que o aluno já tem e traz para a escola no momento de montar o currículo, incluir temas que tenham relação, isto é, estejam ligados à realidade do aluno, a sua história de vida, respeitando a sua referência social e familiar;
- Mostrar-se disponível para o aluno, ou seja, mostrar que ele pode contar sempre com o professor; Ser paciente e compreensivo com o aluno; Procurar elevar a autoestima do aluno, respeitando-o e valorizando-o; Utilizar métodos e estratégias variadas e propostas de atividades desafiadoras; Mostrar-se aberto e afetivo para e com o aluno;
- "Acolher" realmente o aluno; Dar carinho e limites na medida certa e no momento adequado; Manter sempre um bom relacionamento com o aluno e, conseqüentemente, um clima de harmonia; Fazer de cada aula um momento de real reflexão;
- Ter expectativas positivas acerca do aluno; Saber ouvir o aluno; Não ridicularizá-lo jamais; Amar muito o que faz, a sua profissão de professor;
- Mostrar para o aluno que ele pode fazer a *diferença*, isto é, que ele tem o seu lugar e o seu valor no mundo; Perceber que você, o professor, pode fazer a *diferença* para o aluno.

O professor deve ensinar o aluno a ser ético e crítico, mostrando a ele que a crítica é boa, desde que feita de maneira adequada, e que a ética é fundamental em qualquer relacionamento humano, em qualquer ambiente: familiar, social, escolar, entre outros.

* **Cássia R. M. de Assis Medel** é Professora e Orientadora Pedagógica do Ciep 277 João Nicolao Filho ("Janjão") e da E. M. Prof. Ewandro do Valle Moreira, localizados no município de Cantagalo, Rio de Janeiro.



Conselho Editorial
Ednaldo Carvalho
Julio Cesar da Costa

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685JP)

Coordenação Pedagógica
Rebeca Carvalho

Colaboração
Cláudia Sanches, Sandra Martins, Fabio Lacerda
Tony Carvalho e Wellison Magalhães

Fotografia
Marcelo Ávila, Tony Carvalho,
Claudemiro Pereira

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade
Bimestral

Tiragem
110 mil (cento e dez mil)

Impressão
Gráfica Ediouro

Produção
Jatobá do Rio Assessoria de Comunicação Ltda.

Distribuição
Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/222
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br
Tel.: (21) 3983-3200

Museu do Meio Ambiente

Claudia Sanches

Inaugurado em meados de julho de 2008, na ocasião dos 200 anos da vinda da Família Real para o Brasil, o Museu do Meio Ambiente (MuMA), subordinado ao Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, já é um marco na história da educação ambiental.

O charmoso prédio amarelo que fica na entrada do Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi restaurado e inaugurado com uma grande exposição sobre Chico Mendes e toda a história da exploração da borracha. Ao completar um ano de existência, a mostra "Visões da Terra e Cultura da Sustentabilidade – a aventura humana em conhecer o planeta" celebra mais um passo do projeto da equipe de museólogos. O trabalho reúne pensamentos sobre a concepção e evolução da Terra e da vida, que são apresentados através de pontos de vista e cultura diferentes.

De acordo com a diretora do MuMA, a museóloga Denise Studart, a instituição está em período de implantação mas já demonstra uma forte ligação com as políticas ambientais: "Um dos objetivos é sensibilizar a população para a questão da ecologia através de educação e pesquisas. Precisamos estar antenados com as causas ecológicas, e levar o homem a se perceber como um ser que atua e transforma o seu habitat".

Para isso, o museu conta com a parceria do NEA – Núcleo de Educação ambiental –, que elabora os projetos pedagógicos para visitação de escolas aos jardins, entre outros programas para profissionais da educação. Para o futuro próximo, o objetivo é produzir uma exposição fixa e promover programas para visitas guiadas às escolas, construir um auditório e um espaço multimídia.

O idealizador e curador de "Visões da Terra" é o antropólogo Rualdo Menegat, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo a geógrafa Domitila Madureira, que coordena os monitores, o grande

diferencial do trabalho é a "visão" do planeta através de várias áreas do conhecimento, não só a científica, mas também recorrendo à mitologia, à literatura, à arte, à religião e aos diferentes pensamentos e modos de vida através da história da humanidade.

Na mostra são expostas peças dos acervos do Museu do Índio, do Real Gabinete Português de Leitura, como livros raros do naturalista Charles Darwin, do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), do Museu Amsterdam Sauer e do Instituto de Geociências da UFRJ. Entre as atrações mais interessantes para as crianças estão os fósseis do crocodilo-tatu, o *Armadillosuchus arrudai*, cedido pela UFRJ e o *cearadactylus*.

O roteiro inclui um ciclo de palestras até setembro com especialistas renomados, como José Augusto Pádua, Henrique Lins de Barros, Gustavo Martinelli e outros, que discutirão a temática junto ao público. As palestras são gratuitas e não é necessária a inscrição.

Museu do Meio Ambiente – Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Rua Jardim Botânico, 1008 – Jardim Botânico – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22461-000

Tel.: (21) 3204-2504

Chefia: Denise C. Studart

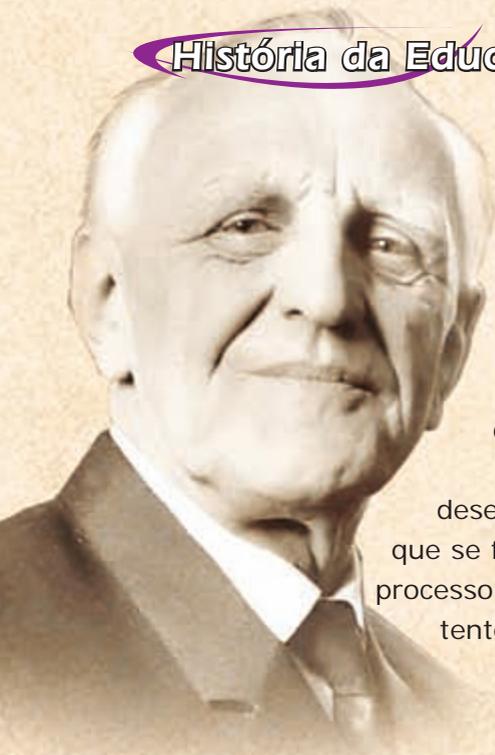
A entrada é gratuita e o museu é aberto de terça a domingo, das 10 às 17 horas.



A exposição tratou as "várias visões" da terra através da arte, da literatura e da mitologia. O estudo revela como o escritor Dante Alighieri via a terra por dentro. Os fósseis do crocodilo-tatu, o *Armadillosuchus arrudai*, encontrado em território nacional, é uma das atrações que mais chamam a atenção das crianças

Winnicott

Início da vida psíquica



Caro leitor, nesta edição estamos concluindo nossa abordagem sobre as ideias de Winnicott.

Segundo o psicanalista, a teoria do desenvolvimento emocional tem dois fatores que se fundem, que são: o cuidado materno e o processo que vai da dependência absoluta do lactente à independência.

Eloisa Celeri, psiquiatra de crianças e adolescentes e professora do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, em um artigo

enviado para a revista "Viver Mente&Cérebro – coleção Memória da Psicanálise" nº 5 (especial Winnicott), fala sobre o início da vida psíquica, segundo o autor, e diz:

"A vida psíquica começa no momento em que o ego passa a se desenvolver. O lactente se acha em um estado de fusão com a mãe, vivendo absolutamente da provisão física e emocional que ela lhe proporciona. Nesse período, a vida do bebê não pode ser desvinculada desse cuidado. Ele não tem consciência dessa sua dependência, pois seu ego ainda não está suficientemente integrado e maduro.

O ego fraco do lactente, amparado pelo ego materno, torna-se forte, uma vez que a mãe passa a sustentar física e emocionalmente esse bebê, satisfazendo a sua dependência absoluta. Essa satisfação não se relaciona às necessidades instintivas. O apoio (*holding*) das necessidades egoicas, proporcionado pela adaptação da mãe, é mais importante que a satisfação ou frustração das necessidades instintuais.

A mãe devotada pode frustrar o id, mas inicialmente evita decepcionar o ego do bebê, já que somente sob condição de adaptação às necessidades do ego é que os impulsos do id, quer sejam satisfeitos ou frustrados, poderão se tornar experiência para o indivíduo. Não é a satisfação instintual que possibilita ao bebê ter um *self* e sentir-se real.

Se a mãe proporciona uma satisfação instintual ao bebê quando ele não está preparado, ele a recebe, mas apenas porque foi seduzido, e a experiência é vivida como uma submissão que viola o seu verdadeiro *self*. A mãe suficientemente boa aguarda que o bebê dê sinais de suas necessidades e de sua prontidão para receber a gratificação instintual, e só então providencia sua satisfação.

Quando o cuidado materno torna-se confiável, a 'continuidade da linha da vida' do bebê se mantém, e ele experimenta uma 'continuidade do ser', pois os processos de desenvolvimento de seu ego não sofreram excessivas perturbações emocionais ou físicas. Essa é a 'base do ego'. Um certo grau de falhas pode ocorrer; se elas forem

percebidas, devem ser corrigidas pela mãe, o que proporciona uma sensação de segurança e de ter sido amado.

Mas, se as perturbações fundamentais de adaptação ocorrem (mudanças repetidas na maternagem e rotina, abandono do bebê, comportamento irregular e imprevisível da mãe), a "continuidade do ser" é interrompida, uma vez que o bebê passa a ter de reagir às falhas, que são vividas como invasão. Essa ruptura provoca um enfraquecimento do ego e uma ameaça de aniquilamento do *self*, um sofrimento de qualidade e intensidade psicóticas.

Caso o bebê não tenha oportunidade de recuperar-se dessas falhas num ambiente favorável, a "continuidade da vida" poderá não ser facilmente recuperada, e nos casos externos o bebê deixa de ter condições de "ser" (condição necessária para o desenvolvimento de um *self* pessoal), passando a reagir. O resultado é uma ameaça de aniquilamento (*breakdown*) do *self* do lactente e a organização de defesas que têm por objetivo proteger o indivíduo dessa "agonia inimaginável".

O *breakdown* é descrito por Winnicott como uma "agonia impen-sável", uma agonia além de nossa capacidade de descrição, sendo as ansiedades psicóticas, e as defesas organizadas imediatamente após o aniquilamento ocorrer, o mais próximo que podemos chegar delas. Na clínica este estágio, nomeado como pânico, já é uma defesa organizada, que tem por objetivo proteger o bebê de novos episódios de imprevisibilidade".

Prezado leitor, este texto é apenas uma pequena amostra das muitas ideias e trabalhos deste psiquiatra infantil. Como em todas as edições anteriores da Série Pedagogos, o objetivo não era escrever, passar e/ou transcrever a vida e obra inteira dos autores, e sim mostrar de forma sucinta o que eles deixaram de importante para nós. Na verdade nossa intenção é a de aguçar a curiosidade dos leitores, estimulando-os a buscar maior profundidade sobre o tema nas diversas obras existentes.

Gostaríamos de informar aos leitores que, a partir da próxima edição, a Série Pedagogos estará de cara nova. Estaremos abordando novas temáticas, principalmente sobre Psicopedagogia.

Até lá!

Referências Bibliográficas:

CELERI, Eloisa Helena R. V. "A mãe devotada e seu bebê". *Revista Viver Mente&Cérebro*, nº 5, Duetto editorial, 2005.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

_____. *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1997.



Como pensar com lógica

Charles Phillips

Ediouro Publicações Ltda. – Tel.: (21) 3882-8200

Estimular o raciocínio lógico, através de jogos criativos que desafiam a mente. Este é o objetivo de *Como pensar com lógica*, de Charles Phillips, o segundo livro da série internacional *How to think*. O livro traz 50 jogos, divididos em três níveis de dificuldade: fácil, médio e difícil; e, ainda, com “O desafio”, no final do livro.



O capuchinho cinzento

Matilde Rosa Araújo

Paulinas Editora – Tel.: (21) 2232-5486

A menina Chapeuzinho Vermelho envelheceu. Agora ela é Capuchinho Cinzento: uma mulher prudente e mais confiante. Um pouco cansada e com o corpo mais frágil por causa da idade, Chapeuzinho aprendeu a conviver pacificamente com o lobo. Uma relação tão pautada pela tranquilidade que o lobo até se encanta com a ternura do olhar – o mesmo da menina que levava guloseimas à vovó doente e que agora o afaga como se fosse um cão.



Anchovinha – Nem tudo que brilha no fundo do mar é escama de peixe

Carlos Secchin

Imperial Novo Milênio – Tel.: (21) 2580-1168

A aventura submarina de Anchovinha foi inspirada em um peixe que habita a costa andina do oceano Pacífico. Em razão da sobrepesca da espécie (*engraulis ningsens*) e da ameaça à sobrevivência do maior cardume do planeta, o autor criou o personagem e conta a saga de um pequeno peixe e seu cardume.

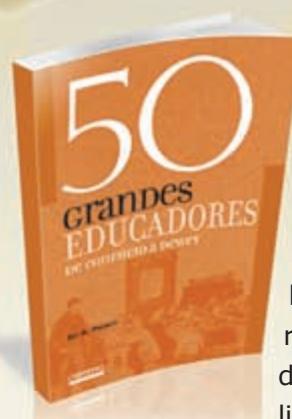


O colchão de noiva

Geraldo Peçanha de Almeida

Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-0111

O colchão de noiva é uma pequena flor, capaz de marcar as lembranças das pessoas de forma muito prazerosa, para sempre. Faz parte dos casamentos do mundo rural e das mais tradicionais manifestações populares brasileiras.



50 grandes educadores - De Confúcio a Dewey

Joy A. Palmer

Editora Contexto – Tel.: (11) 3832-5838

Ao reunir perfis dos principais educadores, de 500 a.C. até os primórdios do século XX, este livro traz à tona a evolução da educação. Com informações biográficas, resumo e avaliações das principais realizações de cada pensador, além de uma lista das obras de destaque e sugestões de leitura, este livro é um guia abrangente e fundamental para educadores e estudiosos da pedagogia.



Memória e esquecimento

Brigitte Labbé, P. F. Dupont-Beurier

Editora Scipione – Tel.: (11) 3990-1810

Cada manhã, ao acordarmos, não começamos do zero, não somos novinhos em folha como um bebê que acaba de nascer. Lembramos o nosso nome, a briga do dia anterior com o irmão etc. O livro estimula o jovem leitor a refletir sobre a importância de se preservar a memória, tanto no plano individual como no social.



Fazendo arte com a matemática

Estela Kaufman Fainguelernt, Katia Regina Ashton Nunes

Editora Artmed – Tel.: (51) 3027-7000

Não somente professores e estudantes tirarão proveito desta obra, mas também qualquer pessoa que tenha interesse em derrubar barreiras que a impediram de conhecer melhor a matemática. Este livro apresenta, de forma prática, diferentes leituras sobre as obras mais marcantes de pintores como Dali, Piet Mondrian, Pablo Picasso, entre outros, propondo atividades que integram a arte e a matemática em sala de aula.



Por uma revolução de qualidade no ensino – Invertendo o paradigma

Thomas Joseph Burke

Editora Vozes – Tel.: (24) 2233-9000

Neste livro, Thomas Burke apresenta a essência da teoria piagetiana sobre a aprendizagem e a construção do conhecimento e “traduz”, para uma linguagem mais coloquial, o que há de mais básico na teoria piagetiana, tirando dela implicações fundamentais para a prática pedagógica, em todos os níveis do ensino formal e informal.

Brincando e aprendendo a escrever



Poesia estimula tanto a aprendizagem oral quanto a escrita entre os alunos do Ensino Fundamental I

Claudia Sanches

sora de Língua Portuguesa Palmyra Baroni, idealizadora do projeto. Paralelamente aos objetivos principais, ela aproveitou para trabalhar também a produção textual.

O empreendimento consistiu em três etapas, que contribuiriam para que os alunos adquirissem mais consciência sobre o processo de leitura e escrita, tornando-se capazes de ler, interpretar e produzir suas próprias poesias.

A primeira preocupação foi selecionar autores interessantes para introdução das atividades. Por isso ela escolheu a poesia "Convite", de **José Paulo Paes**, para abor-

Despertar o gosto pela leitura, desenvolver a fluência oral e a interpretação de texto. Tudo isso com muita brincadeira. Essas foram as metas traçadas no projeto *Brincando de Poesia*, realizado com a turma do 4º ano da Escola Municipal Nair da Fonseca, localizada em Sepetiba, zona oeste do município do Rio de Janeiro.

O trabalho surgiu de uma realidade muito específica do grupo, que, através de uma avaliação diagnóstica, apresentava sérias dificuldades na leitura e na interpretação textual. A estratégia foi usar a poesia como ferramenta.

"Decidimos trabalhar com poemas por se tratar de uma atividade na qual forma, conteúdo e gênero podem ser bem explorados, além de envolver o imaginário, sendo rico em significados", justifica a profes-

dar o grupo. Segundo a professora, Paes escreve diretamente para o público infanto-juvenil e as histórias têm muito a ver com a faixa etária. "Foi fundamental a escolha da poesia para fisgar os alunos, que em outro momento escolheram o texto 'Namoro desmanchado', de **Pedro Bandeira**, e ainda musicaram a obra", contou.

Os conteúdos trabalhados foram definições de verso, estrofe e rima; identificação dos conceitos nos versos, a importância da repetição e do ritmo e o que isso representava para desenvolvimento e compreensão do tema. Para a professora, um dos momentos mais interessantes foi a interpretação do título e o que ele tinha a ver com a obra.

Os alunos liam em silêncio sendo estimulados à interpretação, e depois faziam leitura e interpretação oral. "Com esses exercícios eles foram evoluindo na fluência e na compreensão textual. Ao final da



segunda semana eles já começaram a verbalizar suas interpretações e se sentiam confiantes para ler em voz alta e com ritmo, e para discutir com a turma”, relata.

Na segunda fase eles passaram de leitores a escritores. Para incentivar, escreveram uma poesia em grupo intitulada **“Brincando de poesia”**. A partir daí a turma sugeriu vários temas para brincar com as palavras e construir seus textos. “A mãe da aluna Jully nos relatou que a filha treinou tanto o texto em casa que até criou uma música. Isso acontece por causa do ritmo, da musicalidade da poesia”, contou.

Para finalizar o trabalho em sala de aula, com seus temas escolhidos eles começaram o processo de produção. Nesse momento a professora interagiu com os pequenos escritores na busca da coesão, encadeamento de ideias e ortografia. O objetivo dessa interferência, segundo Palmyra, era tornar o aluno mais consciente do processo da escrita, mostrar o que ele deve saber para construir uma poesia de forma clara, de modo que o leitor entenda o texto.

Ao vivenciar todas

Convite

Poesia

é brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião.

Só que papagaio, pião de tanto brincar se gastam.

As palavras não: quanto mais se brinca com elas mais novas ficam.

as fases, as crianças ganham autonomia já que a educadora apenas orientou a turma. “Todo cuidado é pouco para que não se perca a ludicidade do processo”, alerta Palmyra.

A culminância fechou o projeto com a exposição das poesias, que foi um evento aberto à comunidade. Houve um caderno onde os visitantes registravam sua presença e, em seguida, ganhavam um marcador de livros. Todos expuseram suas

obras-primas e interpretaram para o público. A experiência, que durou dois meses, contribuiu para a valorização das ideias e da autoestima do grupo. A primeira coletânea de poesias foi doada à Sala de leitura pela turma.

A educadora concluiu que a beleza do trabalho residiu na valorização da criatividade dos alunos: “Eles aprenderam que é possível criar, superar as dificuldades. O resultado mostra que a criação artística se conquista através do exercício diário, e escrever deixa de ser um dom apenas de alguns privilegiados”.



Escola Municipal Nair da Fonseca

Estrada de Sepetiba, 93 – Santa Cruz – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23520-660

Tel.: (21) 2217-7265

Professora de Português:
Palmyra Baroni

Fotos cedidas pela escola

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

Mostra sobre Cartola revela um olhar de alteridade

Por Sandra Martins

Com a devida licença da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, Cartola – ou Angenor de Oliveira –, fundador da Estação Primeira de Mangueira, “invadiu” – no bom sentido – o bairro da agremiação cultural rival de vários Carnavais. Mais do que isso, o compositor serviu de tema gerador em projeto multidisciplinar do Colégio Ênfase, deste bairro da Zona Oeste. Tal proeza virou manchete no Jornal Conhecer, publicação de um grupo de alunos que integra o rol de ações do Projeto *Cartola – Um olhar de alteridade*, coordenado pela professora Ana Lúcia Mudesto Rosa.

Inovador e inesquecível, o compositor do clássico *As rosas não falam* quebrou paradigmas estigmatizantes. Na escola, não passou do 4º ano. Trabalhos foram muitos, a maioria braçais. Foi na vida que Angenor experimentou ilusões, amores, pobreza e o silêncio. Talvez por isso suas letras sejam tão complexas e carregadas de sentido. Elas são o fruto de quem soube viver tanto nos bairros ditos “de bem”, como nas escolas de samba, com as amigadas, com as famílias, com a diversidade do Rio e principalmente com a Mangueira. As várias Mangueiras que provocaram outros olhares – alteridade.

A lição, ou melhor, as várias lições possibilitadas com o desenvolvimento do projeto foram assimiladas. Ana Lúcia confessa que os alunos a surpreenderam. “Professora, descobrimos um olhar de alteridade!”. Cartola, um homem simples, era amigo de jornalistas, de eruditos. Houve trocas: Cartola assimilou a cultura e os outros, o jeito de viver, a alegria e a poética do grande compositor. Achei isso muito legal!”, disse a coordenadora do projeto, que teve o objetivo de estimular os estudantes a desenvolverem o



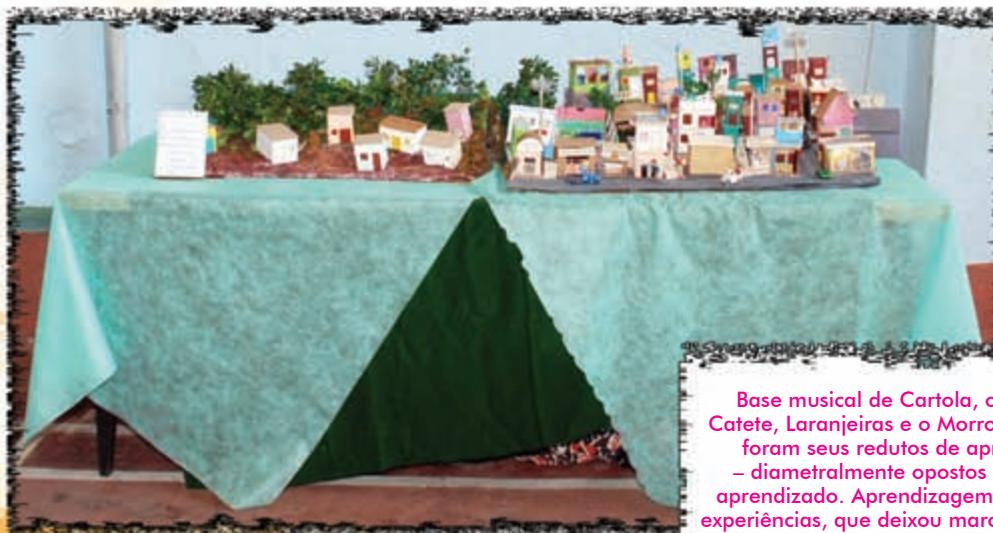
senso crítico e a consciência sobre o próprio aprendizado. Os alunos foram impelidos a mergulhar na história de vida de Cartola, e a processar e comunicar de forma ampla informações e conhecimentos, utilizando-se de diferentes habilidades de comunicação (oral, escrita, gráfica, pictórica, multimídia).

Tal proposta, como affiança Ana Lúcia, tem a ver com a alteridade. “Nós vivemos num

momento onde eu preciso olhar para o outro e ver aquilo que me serve para trocarmos. A vida é isso. Os profissionais cobijados pelas grandes empresas são pessoas que sabem trocar, que sabem navegar nos mares. É preciso ser um pouco Fernando Pessoa. É preciso navegar, mesmo que o mar não esteja para peixe; não vou deixar de navegar por causa disso. Nosso aluno deve saber respeitar tudo e se apropriar do que é bom para ele. Muitas gerações anteriores não tiveram muita escolha, pois estavam debaixo do chicote. Quando soltos, muitos escolheram o que era errado. Então eles precisam saber os caminhos pelos quais podem optar”, disse.

Como primeiro projeto de grande envergadura, o Colégio Ênfase

começou muito bem. De acordo com a coordenadora geral, professora Rosângela Dutra, foi uma experiência gratificante também para os próprios professores. “Foi uma quebra de paradigmas, pois Cartola fumava, bebia, era boêmio, um dos fundadores da Mangueira, mas ao mesmo



Base musical de Cartola, os bairros do Catete, Laranjeiras e o Morro da Mangueira foram seus redutos de aprendizagem – diametralmente opostos ao chamado aprendizado. Aprendizagem, fruto de suas experiências, que deixou marcas em sua obra



tempo altamente inteligente e com uma sensibilidade imensa”.

A partir do tema gerador cada professor foi desenvolvendo, dentro de sua área, os subtemas. Assim, os quase 500 alunos divididos em 41 equipes, apoiados por professores-orientadores, montaram a mostra interdisciplinar ao longo de três desses subtemas. Entre eles, constavam desde a importância do compositor para a música e cultura brasileiras, como geografia social e urbana, política, saúde, seu time, sua vida, as homenagens prestadas através de seus sambas. “Inicialmente não havíamos avaliado que o projeto seria tão abrangente. Foi surpreendente conhecer e mostrar que um simples ajudante de pedreiro tinha uma inteligência fabulosa e que construiu este patrimônio cultural fantástico. Porque ele não fala só de Samba”, ressaltou a diretora Elizabete Crelier de Santos de Melo.

“Os professores desafiavam seus alunos dentro de suas áreas de conhecimento”, disse Ana Lúcia. Na disciplina de Física, os jovens foram incitados a descobrir um samba que fizesse referência àquela ciência. E descobriram que o samba *Ciência e Arte* fora composto pela imbatível dupla Cartola e Carlos Cachça, na década de 1940, para homenagear o pintor Pedro Américo e o físico César Lattes. “E ele só tinha o 4º ano do ensino fundamental”, lembra a professora.

Alunas do 1º ano do ensino médio, coordenadas pela professora de Filosofia, História e Sociologia Márcia Brum, trabalharam a “Gra-



Malandros, damas da noite, jornalistas, músicos de orquestras renomadas – todos “celebridades” dentro de suas áreas – certamente transitaram pelo Bar ZiCartola, ponto de encontro dos amantes da criatividade musical

videz na adolescência”. A música-tema foi *O mundo é um moinho*, provavelmente composta por Cartola para uma de suas filhas. Um vídeo apresentava depoimentos de adolescentes grávidas falando sobre sua nova condição e em que isso alterou não só seu corpo, mas seu relacionamento com a família, a afetividade, a escola, enfim, sua vida como um todo. Segundo Carol, 15 anos, a parte mais complexa do trabalho foi como responder adequadamente as perguntas das crianças das séries iniciais sobre sexualidade. Mas como o dever de casa foi bem feito – pesquisa de campo, palestras nos postos de saúde etc.–, não houve problemas. Inclusive, a frase estampada na camiseta do grupo mostrava a lição bem aprendida: “Será que um jovem é responsável o bastante para assumir a responsabilidade de ter um filho?”.

O tema saúde se espalhou por vários subtemas, como a questão do tabagismo, o alcoolismo e outros tipos de doenças. Orientados pelo professor Paulo Vinícius (Ciências, Química e Biologia), três equipes pesquisaram os temas *A doença de Cartola e a sua perpetuação na humanidade*, *A sexualidade em pauta nas músicas de Cartola* e *A óptica e os conceitos físicos e químicos na vida de Cartola*. Suas doenças foram catalogadas e classificadas em hereditárias ou adquiridas. É interessante lembrar que não era incomum este grande menestrel ser fotografado portando um cigarro.



Também no campo da saúde – mental –, pelos traumas consequentes, equipes capitaneadas pela professora Vanderleia, de História, analisaram *A importância do afrodescendente na sociedade brasileira* e a montagem da árvore genealógica de Cartola. Quarto filho de um total de sete, desde novo se apaixonou pelos encantos da rua: aos 8 anos já desfilava em blocos carnavalescos. Vinte anos depois, em 1928, funda a Estação Primeira de Mangueira. Para a professora Vanderleia, este trabalho possibilitou aos alunos conhecerem a importância deste personagem negro para a nossa sociedade. “Embora não fosse tão conhecido, tão falado, ele quebrou padrões. Ele tinha uma riqueza de conhecimento, que foi se construindo, no meio em que andava, com os amigos que tinha”.

Com a geografia social, os alunos investigaram um dos espaços aos quais o negro foi relegado após a Lei Áurea: as favelas. “Excluído da cadeia produtiva do país, o negro continuou na ‘escravidão ideológica’. Não no papel, mas de fato”, disse o professor Leandro Ribeiro, que orientou os alunos a analisarem a urbanização do espaço geográfico com as transformações que foram ocorrendo no município do Rio de Janeiro. “Quando Cartola chegou à Mangueira não existiam nem 100 barracos. Foi um espaço totalmente modificado com o tempo”.

O depoimento de Tânia Arantes, mãe de Tayssa, 8 anos, da 3ª série da educação fundamental, sintetiza o empenho de alunos e professores para o êxito da *Mostra sobre Cartola: o fantástico e inesquecível*: “Praticamente não conhecia nada sobre a vida dele. O trabalho de pesquisa e a forma como os alunos estão mostrando, com desenhos, caricaturas, música, tudo isso sendo relacionado a outros temas, está sendo algo muito bacana e interessantíssimo”.



Da cartola ao cigarro, o poeta possibilitou inúmeras abordagens no campo da saúde, inclusive pública, com pesquisas envolvendo a gravidez de adolescentes e o tabagismo



Colégio Ênfase

Rua Theodorico Fonseca, 299 – Realengo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21720-570

Tel.: (21) 2401-2065

Coordenadora pedagógica: Ana Lúcia Mudesto Rosa

Diretora: Elizabete Crelier de Santos de Melo

Fotos: Marcelo Ávila



XIV BIENAL DO LIVRO RIO

A XIV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro já tem data marcada: será de **10 a 20 de setembro**. E você, professor, tem direito à **entrada gratuita***.

O Riocentro será um grande espaço de **reciclagem profissional**, com uma programação variada, que inclui palestras e debates com importantes autores, exposições, lançamentos e sessões de autógrafos. Há também atrações culturais como Café Literário, Floresta de Livros, Mulher e Ponto, Livro em Cena e Exposição José Olympio.

Você encontra mais informações e a programação completa no site **www.bienaldolivro.com.br**.

Não fique de fora das discussões sobre educação, cultura e literatura e leve as novidades para a sala de aula!

*Basta apresentar o RG, CPF e um dos documentos a seguir: carteira de trabalho, carteira da escola municipal ou estadual, contra-cheque atual, ou ainda comprovante do INSS.

INFORMAÇÕES
Fagga Eventos
Tel (21) 3035-3100
bienal@fagga.com.br

WWW.BIENALDOLIVRO.COM.BR



**10 A 20 DE SETEMBRO
RIOCENTRO**



Promoção



Fagga
eventos



Africa – Brasil: Consciência negra em cartaz

Sandra Martins

A perspectiva cultural, amplamente trabalhada durante a execução do projeto *África – Brasil: Consciência Negra*, culminou em múltiplas apresentações no espaço escolar do Colégio Estadual Santo Antônio de Pádua, em Nova Iguaçu.

O trabalho desenvolvido por várias mãos foi coordenado pela professora de Língua Inglesa Elisângela Alencar, com apoio da animadora cultural Maria Helena de Oliveira, da professora de Filosofia e Sociologia Luzinete Silvestre, e da orientadora tecnológica Mônica Oliveira da Silva, além de toda a equipe pedagógica.

O total apoio da direção da escola, tendo a frente Denise Martins da Silva Santos, diretora geral, e Sandra Regina Conceição e Elaine Cardoso, adjuntas, possibilitou uma programação

bastante diversificada. Esquetes teatrais, desfile afro, danças de hip hop (grupos Louv Art, Street of Boys e Os Morenos), duelos de Break (dança de rua), passistas e bateria mirim da Escola de Samba Beija-Flor, oficinas de arte, música eletrônica e ao vivo – com os grupos de percussão AfroReggae e Afro-Cid –, canto em capela, declamação, mesa de degustação, exposição de artesanato e de cartazes, incluindo produção textual e iconografias. As atividades começaram cedo: “Teve aluno que chegou antes de o colégio abrir, só para começar a preparar as salas para o evento, já que cada uma foi decorada conforme o subtema: Jamaica, Bahia etc.”.

A ideia do projeto *África-Brasil: Consciência Negra* foi gestada a partir do Projeto Político-Pedagógico *As oito ideias para mudar o mundo: viva e não tenha vergonha de ser feliz*. “Não focamos só o preconceito contra o negro, mas também com os recortes de

gênero e classe. Colocamos o preconceito contra o futebol. Inicialmente, os alunos pensaram somente no problema entre raças e nas brincadeiras. Depois começaram a levar a sério. E pesquisaram

muito. Entre as pesquisas, eles tomaram conhecimento, por exemplo, de que o ex-presidente Nilo Peçanha, que dá nome a uma avenida naquela cidade, era negro. ‘E ninguém falava!’, ressaltou Elisângela.

Por se tratar de tema cercado de tabus no Brasil, as resistências também foram consideradas no planejamento dos professores. Maria Helena buscou nas suas experiências anteriores, em organização de desfiles de beleza negra, estratégias adequadas para incentivar algumas alunas a participarem do desfile. A animadora cultural ainda percebe forte

resistência dos jovens negros em se ver belos: “é perceptível a baixa estima dos jovens negros. Temos que trabalhar muito e sistematicamente, porque isso está muito arraigado dentro da gente. Coisas que parecem pequenas, como: ‘cabelo bom’, para se referir a cabelos lisos, e ‘cabelo ruim’, para cabelos crespos; ‘brincadeiras’ ou ‘piadas’, mesmo um olhar, mostram o racismo”.

Nas oficinas de teatro, os participantes abordaram o resgate da criança através das alunas – que tendem a um amadurecimento precoce – e os relacionamentos interétnicos. Foram utilizadas variadas linguagens tanto para as encenações quanto para a contextualização visual – música, teatro, dança, artes plásticas, produção de cartazes. Para tratar da miscigenação, um casal de namorados – na vida real – foi convidado para encenar o funk “A loirinha, o playboy e o negão”, de Kelly Key. Para dar conta da timidez do “playboy”,



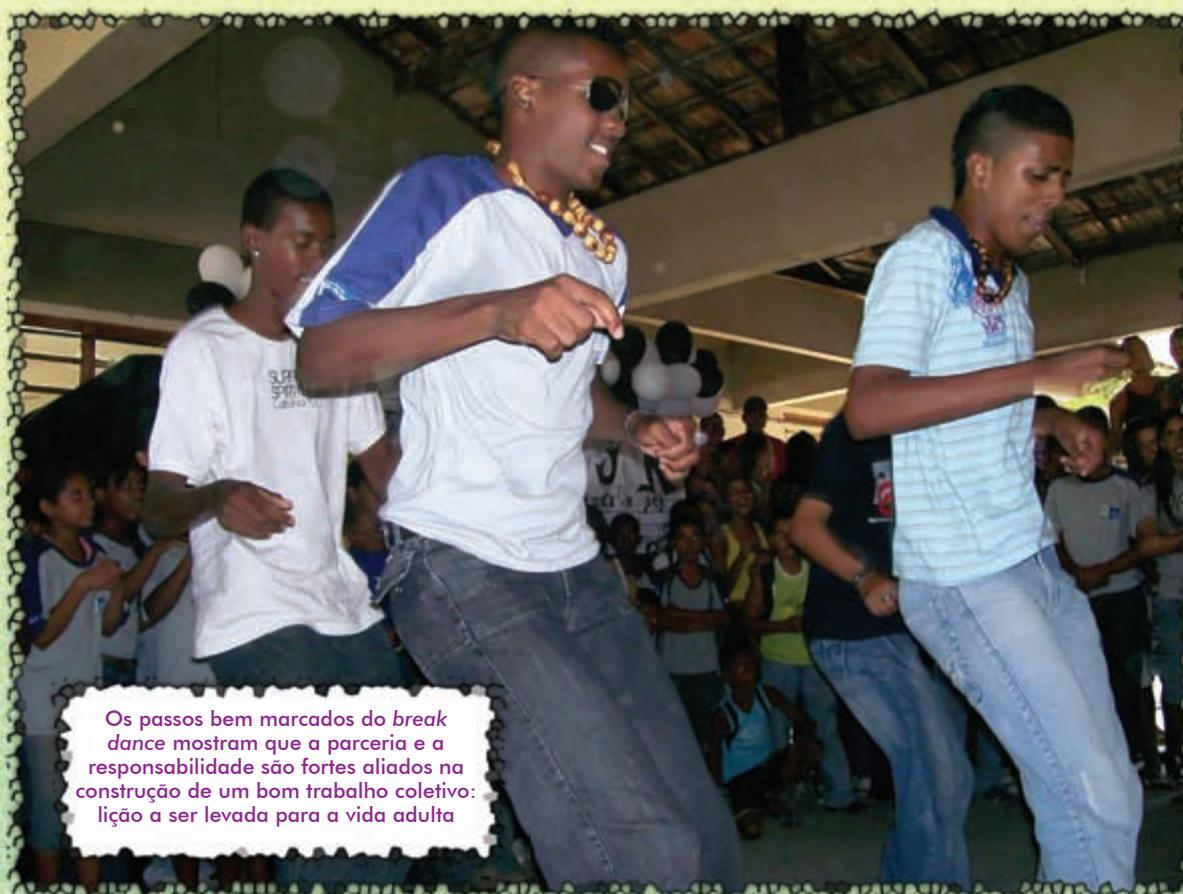
Parte das várias mãos construtoras do Projeto África-Brasil – Consciência Negra. Da esquerda para a direita, Luzinete Silvestre, Elisângela Alencar, Elaine Cardoso, Mônica Oliveira da Silva e Maria Helena Oliveira

Helena trabalhou o lado psicológico do menino: “o efeito foi ótimo, ele se soltou e se apresentou com a menina sem maiores problemas” disse a coordenadora pedagógica Stella Maris.

Motivados pela parte musical, os alunos escolhiam o estilo a ser pesquisado: rock, funk, pagode, hip hop, samba. A investigação teria que abarcar a historiografia, biografias de cantores ou compositores de destaque

daquele estilo musical. Assim, eles puderam conhecer a genealogia do samba, sua relação com o funk e mesmo o hip hop, sua contextualização histórica nacional e no mundo, o porquê de ele ter sido discriminado da mesma forma que o funk na atualidade. Com o hip hop eles identificaram seus três elementos fundadores – o rap, o grafite e o break. RAP é abreviatura de “rhythm and poetry”, ou seja, ritmo e poesia, que é a expressão musical-verbal da cultura. Grafite representa a arte plástica, expressa por desenhos coloridos feitos por grafiteiros, nas ruas das cidades espalhadas pelo mundo. E o break dance representa a dança.

Um dos inúmeros momentos relevantes do processo de construção de conhecimentos dos alunos do colégio Estadual Santo Antônio de Pádua se deu quando foram pesquisar sobre



Os passos bem marcados do break dance mostram que a parceria e a responsabilidade são fortes aliados na construção de um bom trabalho coletivo: lição a ser levada para a vida adulta

cantores de grupos atuais (Luciana Melo, Di Black). Uma polêmica se estabeleceu quando os alunos definiram a etnicidade do cantor Di Black: para uns ele era branco, para outros ele era negro. Entretanto, o cantor se considera negro, mesmo tendo características fenotípicas da raça branca. “Então, começou um debate sobre o que era consciência racial. Eles colocaram esta discussão no trabalho, e foi citado o exemplo da atriz Camila Pitanga, que se posiciona

como mulher negra, sendo vista, no entanto, para muitos como morena clara ou mesmo branca”.

O projeto, de acordo com a coordenadora pedagógica Stella Maris, se espalhou por diversas disciplinas, tendo cada professor trabalhado a temática de seu jeito. Nas aulas de História, por exemplo,

montou-se um dicionário com palavras de origem africana. Na Educação Física, o professor Flávio trabalhou as músicas de torcidas, já que muitas delas têm conotação racista. Pesquisando, os alunos viram que antigamente a bola oficial era preta e branca. Devido à discussão sobre o preconceito – “bem pior na Europa”, segundo Elisângela –, as bolas passaram a ser coloridas. “Não existem mais bolas em preto e branco.”

A definição dos temas, as abordagens, as dúvidas surgidas ao longo das pes-



Formada por crianças das comunidades do entorno, a banda mirim AfroReggae rufa os tambores sob os olhares atentos e cheios de expectativas de alunos e professores

quisas – feitas na Internet, ora no laboratório de informática do colégio, com a Mônica (uma das responsáveis pelo projeto), ora em lan-houses ou em livros –, tudo era discutido com os professores em sala de aula. Da mesma forma, debateram sobre o significado e a importância da Lei 10.639/2003, que trata da afro-brasilidade no currículo escolar. Nas aulas de Português, a professora Marina optou por utilizar poemas de autores afro-brasileiros ou não, mas que tratassem da temática étnico-racial.

Seriados para a TV aberta norte-americana – “Todo mundo odeia o Cris”, “Um maluco no pedaço”, “Eu, a patroa e as crianças” – serviram de material didático nas aulas de inglês. Nestes seriados, os personagens são negros e todos trabalham um determinado enfoque da temática racial. “Um maluco no pedaço”, protagonizado por Will Smith, conta a história de um adolescente negro saído do gueto para morar com parentes bem-sucedidos em Beverly Hills. Em “Eu odeio Cris”, o protagonista é o único negro na sua escola pública, e a série fala de preconceitos e estereótipos. “Eu, a patroa e as crianças” trata de uma família bem-sucedida protagonizada por negros. “E eles colocaram os logotipos da Record e do SBT nos cartazes. Foi muito legal.”, lembra a professora Elisângela animada com os resultados.

Nas aulas de Filosofia e Sociologia, a professora Luzinete, que já vinha trabalhando o tema racial há algum tempo, buscou fazer uma interligação com o projeto no cotidiano da sala de aula. A troca de informações foi intensa a partir das experiências dos próprios alunos. Eles eram estimulados, em rodas de bate-papo, a falar sobre possíveis ações discriminatórias que tenham sofrido. Inicialmente encabulados, aos poucos começaram a se posicionar ora como agentes da ação ora como vítimas. Dos saberes construídos, restava saber se em alguma medida foram concretizados. Ou seja, até que ponto acontecia uma abertura de espaço para mostrar essa raiz cultural negra? Para responder a esta hipótese a professora foi buscar parcerias fora da escola.

Mas, para isso, Luzinete pediu que os alunos sugerissem possibilidades culturais para serem apresentadas no colégio no dia da culminância. De imediato, veio a indicação da aluna Luana: trazer um grupo de passistas e a bateria mirim da Escola de Samba Beija-Flor, de Nilópolis. Outro aluno lembrou do núcleo do AfroReggae próximo do colégio. Outra boa lembrança foi a de convidarem o Afro-Cid, grupo ligado à Igreja Católica, que, nos moldes do AfroReggae, ensina percussão para crianças, incluindo as portadoras de necessidades especiais.

As atividades ficaram bastante dinâmicas, no sentido do resgate da cultura africana, na música, no desfile, nos textos. O grande destaque do trabalho foi mostrar a farta contribuição do negro na formação sociocultural da sociedade brasileira. E isso ficou evidenciado na produção textual proposta por Luzinete. Ela havia solicitado aos alunos que, em grupo, recolhessem depoimentos que pudessem tratar da questão do preconceito com as pessoas da comunidade. Maria Antônia P. de Azevedo, de 65 anos, que terminou o



ensino médio, pediu para apresentar seu trabalho e fez o povo ficar emocionado. Alguns chegaram às lágrimas com a força de seu texto, abaixo descrito. “Você via aquela pessoa lendo, mas com uma força de voz tão grande, porque acho que ela colocou a vivência dela, a visão dela da questão de como o negro sofreu e continua sofrendo. Foi lindo, muito comovente. O público interagiu de imediato”, descreve Luzinete.

A emoção do rufar dos tambores, o requebro dos estudantes, e mesmo o chamamento à reflexão feito por uma aluna – não tão jovem, mas cheia de experiências e saberes –, além da abertura de mais um canal de diálogo com os aprendizes com temas tão delicados e necessários na discussão cotidiana, oferece a agradável sensação do dever cumprido. O saldo foi positivo: o tom da fala, das brincadeiras, das piadinhas começa a mudar: “uma mudança de paradigma nesta faixa de idade, de 17 a 18 anos”, afiançou a

professora Luzinete, concluindo que a lição, de fato, está sendo aprendida.

Colégio Estadual Santo Antônio de Pádua
Rua José Luiz, 223 – Mangueira – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26350-000
Tel.: (21) 3102-7576
Coordenadora: Elisângela Alencar
Fotos: Sandra Martins e cedidas pela escola

As manifestações artísticas que valorizam a cultura negra aumentam a autoestima dos jovens e são um atrativo para que a garotada valorize a formação cultural como meio para um futuro mais digno



Dia da Consciência Negra

No início todos éramos escravos.
Não tínhamos identidade.
Vivíamos massacrados, oprimidos, desprezados.
Como animais fomos trazidos, do seio da nossa África, no navio que se chamou negreiro.
De lá trouxemos lembranças, como única herança de nossos pais, avós, ancestrais.
Aqui foi só sofrimento, sangue derramado ao chão, chibatadas, correntes, suores e lágrimas.
Para que tanta escravidão?
Um dia tudo mudou; o sofrimento acabou.
O sol para o negro brilhou, toda lágrima secou.

Passamos a ser respeitados, aprendemos a sorrir.
Sorrir do nosso passado.
Que agora, em verso e em prosa, ficou para sempre na história, na História do Brasil.
Hoje o negro é doutor, presidente, jogador, ator, atriz, professor, enfermeiro, faxineiro, poliglota e cantor.
A luta não acabou, não podemos nos calar, saibam que todo negro tem direito de sonhar.
Sonhar com dias melhores para todo este país, saúde, educação, moradia, comida e também salário justo para comer o nosso pão.

Aluna **Maria Antônia P. de Azevedo**, de 65 anos - Turma 3001

Criatividade para driblar as dificuldades

Claudia Sanches

São raras as oportunidades de o jovem carente desfrutar de um momento de lazer ou mostrar o que pode produzir. A *II Feira de criatividade*, realizada no Ciep 323 Maria Werneck de Castro, localizado em Irajá, proporcionou essa chance para os seus alunos, ex-alunos e comunidade se divertirem e revelarem seus dons artísticos, o que incluiu literatura, grafite, dança, pintura, informação e muita música.

A equipe pedagógica, liderada pela professora de Biologia Aline Jacob, driblando todas as dificuldades, aproveitou os temas atuais e todas as habilidades dos alunos e organizou uma grande festa para a comunidade. Segundo o professor voluntário de Língua Portuguesa Waldeci Melo, o fato de toda mobilização vir da parte do alunado faz com que eles escolham o que fazem de melhor, prestigiando o talento dos amigos, o que direciona suas escolhas para o futuro:

“Eles revelam o que sabem fazer de melhor e descobrem que todos têm um dom a ser explorado. Nosso evento tem a finalidade de desenvolver um trabalho socioeducativo criando circunstâncias para que eles desenvolvam seu potencial e se reconheçam como transformadores da nossa sociedade”.

Outra preocupação da escola, segundo a diretora Clesemery Vieira, é despertar, através da arte, valores como a solidariedade, a humanização e a cidadania: “As pessoas não estão preocupadas com o bem-estar do outro, em cumprimentar o amigo, o professor, levantar-se para dar lugar aos mais velhos nos coletivos. Precisamos rever nossos conceitos e essa empreitada tem esse objetivo”, acrescentou a diretora.



Professores usaram o Globo como símbolo da educação para a construção da paz mundial

Entre os destaques estavam as mostras de coreografia, como a dança caribenha Zouk, com a aluna Natália Lacerda e um professor voluntário, e a apresentação do grupo de percussão pelo professor Hélber – que faz um trabalho na Lona Cultural de Vista Alegre –, além de manifestações culturais como maculelê, grupo de capoeira e declamação de poesias.

Em sala de aula o trabalho começou no início do semestre. A professora Jaciara Galdino está trabalhando a letra da música “What a wonderful world”, de Louis Armstrong, que fala da necessidade de um mundo melhor e foi encenada no dia da festa pelo grupo

de teatro “Werneck fazendo Arte”. A professora de inglês Viviane confeccionou os cartazes com os jovens.

Além da participação do corpo docente, o evento contou com a parceria de um posto de saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro, que cedeu uma equipe de profissionais para levar esclarecimentos sobre as DSTs e a sua prevenção. Para a professora Aline Jacob, que trabalha Educação Sexual no colégio, essa iniciativa supre a carência dos alunos em relação ao tema, que ainda é tabu em sala de aula. “A articulação com vários setores da sociedade civil enriqueceu muito o encontro”, completou Aline, que acredita numa melhor abordagem do tema com os adolescentes a partir do trabalho dos profissionais de saúde. A iniciativa da aluna Nayanna Conceição, do 1º ano do ensino médio, de arrecadar

Informações sobre DSTs complementaram o trabalho apresentado pelas classes



Diversão e arte: o encontro foi uma oportunidade a mais para que as habilidades fossem reveladas





Um passo a mais. O concurso de coreografia revelou os melhores dançarinos da escola. O zouk, apresentado durante o evento, foi uma das atrações mais ovacionadas

alimentos para as comunidades carentes da região, também foi um exemplo de dignidade para crianças e adultos.

A professora de Artes Plásticas Alessandra Caetano, que participa do programa Escola Aberta, em Nova Iguaçu, esteve presente para retratar as pessoas que transitavam pela quadra da escola. Ela pertence à ONG Laboratório Cultural e faz esse trabalho voluntário atuando com crianças e adolescentes: "Gosto do contato com esse público porque a maioria chega aqui dizendo que não sabe desenhar e acaba descobrindo muitos talentos. Gosto de vê-los descobrindo suas capacidades", afirmou Alessandra enquanto desenhava uma aluna.

O evento também promoveu um momento especial para o público feminino, o "Beleza Pura". A equipe contou com a presença de voluntários que ofereceram uma tarde de beleza aos participantes. Houve fila para fazer uma escova e um corte de cabelo.

O grafite também foi muito bem representado pelo ex-aluno Rafael, que participou com a oficina de grafite e decoração da escola. Para ele, a educação foi fundamental para que canalizasse sua arte para o bem: "O ensino me ajudou muito a levar minha habilidade para o bem. Hoje estou aqui ensinando técnicas de grafite e mostrando a diferença entre a pichação e a arte", disse, dando seu recado aos jovens durante a festa.

Para Waldeci, que já está

na segunda edição do evento, eles sempre surpreendem os educadores com a integração e o esmero nos trabalhos. "Com poucos recursos, aproveitam ao máximo qualquer oportunidade que proporcionamos. A ideia é fazer com que eles entendam que o futuro também depende de nossas ações. E o professor tem essa função de estimular esses jovens", concluiu.

Quem desejar conhecer melhor o trabalho dos alunos do Ciep pode acessar o blog ciepmariawerneck.blogspot.com.

Ciep 323 Maria Werneck de Castro
Estrada Pedro Borges de Almeida, s/n – Irajá – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21235-390
Tel.: (21) 3371-3790
Diretora: Clemary França Vieira
Fotos: Marcelo Ávila



Valorização das tradições brasileiras: a capoeira, comandada por um professor voluntário da comunidade, foi uma das manifestações culturais que mais integraram os jovens

UNIVERSO LÚDICO DO CIRCO

Fábio Lacerda



A sede do Poder Executivo Federal entre 1897 e 1960 foi o local escolhido pelos alunos do quarto ano do Ciep Tancredo Neves para a apresentação do projeto *Cenas de Circo*. Ambientados com a arquitetura neoclássica do Palácio do Catete, cerca de 50 alunos desenvolveram suas expressões corporais e mostraram o domínio do improviso durante as apresentações circenses, numa encenação que faz parte do projeto desenvolvido nas oficinas da escola.

Após a apresentação da trupe no jardim do palácio, Patrícia Oliveira do Prado, professora de Artes Cênicas e uma das idealizadoras do projeto, enalteceu a autenticidade dos atores mirins. "Eles se divertiram muito, assim como nós professores. Foi muito interessante, pois, além do bom resultado obtido com a espontaneidade das interpreta-



Larga do meu pé: alunos retratam, através da dança, a tristeza da bailarina e a irreverência do palhaço

ções, o colorido do figurino deu maior plasticidade ao projeto. Conseguimos comunicar ao respeitável público a alegria e a poesia do circo", disse, elogiando as participações das professoras Vanete Souza, que dirigiu com a própria Patrícia o espetáculo, e Carmem de Fátima Miranda, que, por ser homônima de uma das maiores artistas luso-brasileiras, ficou responsável pelo colorido do cenário.

Acostumados a fazer do Palácio do Catete sua "segunda sala de aula", os alunos, depois de ensaiarem constantemente desde o ano passado, puderam mostrar suas veias artísticas para um grande público. "O prestígio e a comunicação com as pessoas, até então desconhecidas, não impediu que os aprendizes mostrassem seus talentos", lembra Vanete.

Enquanto 25 alunos preparavam os últimos retoques dos figurinos (perucas, touca

de banho, sapatos trocados, pijamas e adornos), a outra metade caprichava na cenografia. Espalhados por todas as partes, os estudantes transmitiram alegria para as pessoas que trafegavam cruzando a Rua do Catete indo em direção à Praia do Flamengo. Para a professora Carmem de Fátima Miranda, o projeto *Cenas do Circo* fortaleceu a sociabilidade e também a disciplina dos alunos, que em todos os momentos, desde os primeiros ensaios, mostraram aplicação e união.

“É importante para o desenvolvimento emocional e social. A participação das crianças na realização de peças teatrais aperfeiçoa essas duas vertentes. Fiquei feliz pelo comprometimento e pela percepção da interatividade das turmas com os demais alunos da escola”, declara.

Já na opinião da professora Vanete de Souza o grande diferencial deste trabalho foi a aceitação por parte do grupo. “Na minha turma temos estudantes na faixa etária entre 9 e 11 anos, e no nosso cotidiano o tempo é pouquíssimo para trocarmos ideias e mantermos uma maior interação. Mas, apesar desse impasse, os dois grupos levaram muito a sério os ensaios. A cada dia criavam uma improvisação, se aperfeiçoavam e o mais importante é que, quando um integrante faltava, sempre havia outro aluno pronto a substituir o seu colega”, ressalta a professora



A exuberante paisagem do Palácio do Catete foi o palco para os alunos mostrarem seus dotes artísticos e desenvolverem a arte da improvisação

enfazando que todos fizeram questão de caminhar do Ciep até o Museu da República caracterizados, divertindo os passantes, convidando-os para assistir a peça nos Jardins do Museu.

Entrosamento nos palcos e nos discursos. Assim se comportaram os alunos Matheus dos Santos Moura (turma 1401) e Ingrid Aguiar de Moura (1402) no decorrer da curta apresentação do grupo. Segundo eles, a entrega e a realização das tarefas com o sorriso estampado no rosto e

bom humor na cabeça e no coração são receitas indispensáveis para atingir os objetivos da trupe.

A culminância do projeto *Cenas do Circo* foi uma breve temporada de três semanas de shows, explica uma das docentes completando que, a partir de agora, os alunos voltam o foco para dentro do Ciep Tancredo Neves, objetivando dar sequência aos ensaios visando à última apresentação do ano marcada para o dia 12 de outubro, data comemorativa para as crianças. “Até lá muitas novidades vão acontecer, mas algo que continua imutável

na preferência do público é a participação dos palhaços. O personagem do nariz vermelho continua imbatível com suas peripécias”, finaliza a professora Patrícia.



Principal personagem do circo, o palhaço “pintou e bordou” com a seleta plateia que visitava o Palácio da Cidade, no Catete

Ciep Tancredo Neves
Rua do Catete, 77 – Catete
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22220-000
Tel.: (21) 2205-8905
Diretora: Solange Souza de Paula
Foto: Claudemiro Pereira

Pequenos ambientalistas



Num dos principais cartões postais do Rio, os pequenos ecologistas comemoraram o Dia Mundial do Meio Ambiente, lembrando a necessidade de valorizar a riqueza natural de nossa cidade, como as águas e as matas

Crianças homenageiam o meio ambiente com uma caminhada ecológica

Claudia Sanches

Uma passeata ecológica numa tarde ensolarada alardeava bordões e muitas canções: “Diga não à poluição”, “Recicle-se”. A cena não teria chamado tanto a atenção se os cartazes e faixas não fossem levados por pequenas crianças. A turma, que pertencia à Creche Escola Paraíso Infantil Popeye, da Lagoa, se encontrava na Lagoa Rodrigo de Freitas com os alunos da sede do Leblon, numa cena que

atraía os olhares dos curiosos. O encontro, que aconteceu após uma caminhada ecológica das crianças até o Parque dos Patins, foi uma homenagem ao Dia Mundial do Meio Ambiente. As turmas percorreram as cicloviárias da Lagoa até se encontrarem, e comemoraram a data com apresentação de teatro e coral.

Realizadas com as crianças da creche ao 1º ano, as atividades com ecologia são tradicionais na escola. A professora Denise Vasconcellos já desenvolve há alguns anos o trabalho ambiental através do projeto

Escola Consciente preserva o meio ambiente e esse ano não foi diferente.

Com o objetivo de diminuir o consumo de copos descartáveis, foi promovida a substituição do material por um *squeezer* individual, que foi entregue a cada aluno. O trabalho rendeu à escola esse ano o Prêmio Oswaldo Cruz de Educação e Responsabilidade social, oferecido pelo Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas –, fundado por Betinho na década de 1980.

O projeto é realizado no dia a dia nos encontros, quando se fala na importância da reutilização e do consumo consciente. A iniciativa de percorrer

As crianças fazem a sua parte e dizem não à poluição



as ruas da Lagoa e visitar o parque está ligada à ideia de valorizar nossa cidade. As crianças também cataram lixo que encontraram no chão e chamavam atenção dos adultos pelas atitudes e informação. O pequeno André, da creche, exibiu um desenho em que uma garrafa era jogada no lixo. A atividade, segundo Denise, também fez parte do projeto. Dentro de sala de aula, com os professores de Artes, eles produziram grafismos e construíram brinquedos com sucata. “O plástico leva mais de cem anos para se degradar na natureza”, afirmava André. Os copos plásticos usados no passeio foram recolhidos e serão aproveitados para a construção da horta com ervas aromáticas e plantas medicinais.

No final do evento professores, alunos e transeuntes assistiram a apresentação teatral interativa que dramatizava a história de um homem chamado Sujeromem, que tinha a intenção de destruir o planeta Terra. Aos poucos as crianças explicavam que ele também era parte integrante do meio, e o personagem passa a



O cuidado e a consciência com o meio em que vivem começam desde cedo entre os alunos. Um demonstrativo disso é a preocupação dos educandos com o recolhimento do lixo



No Parque dos Patins, teatro consciente para a garotada. A peça conta a história de um homem que queria destruir o Planeta até a hora em que percebeu a si mesmo como parte integrante do sistema e mudou a sua atitude

assumir outra atitude perante a vida. “Sujeromem, se você destruir o planeta também estará se destruindo”, diziam os alunos. A partir desse momento, ele toma um banho, que é um simbolismo dos cuidados pessoais e da higiene, se regenera, e engrossa o coro dos contentes, voltando para o colégio e levantando com as turmas a bandeira do planeta.

Segundo a professora de Educação Ambiental Bárbara Rustum, esses empreendimentos contribuem para que eles concretizem a causa mundial

no seu cotidiano e não fiquem na panfletagem: “Eles veem no dia a dia como funciona o ambiente, entendem que as plantas e os animais são vida e compreendem o retorno de suas ações sobre ele. Sabem que o futuro do planeta também depende de atitudes simples”.

Exemplo disso, na opinião da diretora Glória Vasconcelos, são também os pais, que verificam dentro de casa o retorno desse trabalho.

“Muitos responsáveis nos trazem histórias das crianças chamando atenção para soluções alternativas, para a separação do lixo, o desperdício de água e luz, e multiplicam e compartilham esses valores em sua comunidade”.

Escola Paraíso Infantil Popeye
Av. Borges de Medeiros, 2.364 –
Lagoa – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22470-003
Tel.: (21) 2511-2255
Diretora: Glória Vasconcelos
Fotos: Marcelo Ávila



Roraima vai à China

Escola do Rio revive os Jogos Olímpicos de Pequim

Wellison Magalhães

Enquanto os jogos olímpicos eram exibidos nas madrugadas, ou nas manhãs na televisão, por conta do fuso horário entre Brasil e China, a escola Municipal Roraima, em Cordovil, encontrou uma forma criativa e didática de trazer o espírito das competições e estimular o ensino junto a seus alunos, ao realizar o evento que foi chamado de *RORAIMA passeando pela China: uma feira olímpica e cultural*.

“O projeto nasceu a partir de uma experiência vivenciada no ano de 2007 quando aconteceram os Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos na cidade do Rio de Janeiro. Naquele ano realizamos uma feira pan-americana, na qual os alunos puderam mostrar os trabalhos realizados em conjunto com os professores, além de atividades temáticas que muito contribuíram para motivar toda a comunidade escolar”, conta a professora de Educação Física Luciana Rodrigues. “O sucesso desta primeira experiência nos levou a pensar em repeti-la agora tendo como tema os jogos olímpicos na China”, conclui.

Para realizar o evento a professora Luciana apresentou a todos os professores e coordenadores pedagógicos um projeto, que foi devidamente aprovado pelo corpo docente da instituição, envolvendo os profissionais do 1º ao 9º anos do ensino fundamental. Para Deusedina Cariuz, coordenadora pedagógica do Roraima, o evento ofereceu a oportunidade de se atingir dois bons objetivos: o primeiro foi o de acompanhar, subsidiar a mobilização da comunidade escolar para a concretização de suas ideias, aproximando colegas docentes de forma espontânea e natural. E o segundo foi a possibilidade de contribuir com os desdobramentos das atividades.

“Com certeza, essas foram as principais conquistas deste projeto, portanto não somos mais os mesmos”, conclui entusiasmada. E entusiasmo deveria ser a palavra certa para destacar o evento realizado logo após os jogos. Durante todo o dia, estudantes de diferentes turmas apresentaram trabalhos variados explorando a característica de cada disciplina e a criatividade de cada um.

A decoração da escola foi toda temática. Além das produções dos alunos, o Roraima foi todo decorado com adornos chineses e, literalmente, entrou no clima olímpico. Um dragão chinês foi confeccionado por algumas professoras e, durante a feira, um outro, vestido por alguns alunos, dançava pelo espaço divertindo a todos. Camisetas foram confeccionadas para toda a comunidade escolar.

Segundo Luciana Rodrigues “este era nosso cartão de visita” a todos que chegavam na escola. Cerca de 100 diferentes trabalhos foram apresentados pelos estudantes. As turmas do 5º, 6º e 7º anos apresentaram maquetes de quadras esportivas como basquetebol, voleibol, handebol, futsal, hipismo, ciclismo, triatlo, beisebol, basquetebol para cadeirantes, goalball (modalidade esportiva para deficientes visuais), judô, tênis, ginástica artística e rítmica, entre outros. Além disso, houve o teatro chinês, linha do tempo contendo a história dos jogos.

Os estudantes do 8º e 9º anos fizeram o calendário dos jogos olímpicos e paraolímpicos além de painel com os respectivos pictogramas. Um roteiro com a história dos monumentos chineses, o jornal da China, foi apresentado, bem como a coreografia de abertura com uma variação da música “Carruagens de fogo” em ritmo dançante, que entusiasmou os pais e amigos presentes no encontro.





Desfile das modalidades olímpicas com as crianças vestidas como atletas, o ABC dos jogos olímpicos, foi realizado pelas turmas do primeiro ano. O envolvimento foi realmente pleno e geral. As turmas do 2º ao 4º anos fizeram um painel com desenho das mascotes dos jogos e ainda um outro com curiosidades olímpicas.

Duas atividades chamaram a atenção de todos. A primeira foi uma sala de contação de histórias montada pela professora de Língua Portuguesa Cecília Barria, que vestiu-se à moda chinesa juntamente com a aluna Tainá, do 9º ano, para apresentar contos chineses para estudantes e convidados. A outra foi a sala do Teatro Chinês de palitos, organizada pelo professor de Língua Portuguesa André Alves, cujo espetáculo foi encenado pelos alunos.

Durante a encenação foi necessário que os estudantes organizassem sessões para que todos pudessem participar. No final, relata a professora, as pessoas recebiam uma tirinha de papel cartão colorido onde deveriam fazer a sua avaliação do evento e depois pendurar numa árvore em estilo chinês colocada na entrada. Nem a culinária oriental foi esquecida no evento. A responsabilidade ficou com a turma do 5º ano. Eles prepararam um prato comum e conhecido dos brasileiros, o *yakissoba*, com direito a degustação e divulgação da receita aos presentes que visitaram o estande.

Já a classe especial marcou a sua participação com a apresentação de um painel com os anéis olímpicos contornados por pedacinhos de papéis coloridos.

Cerca de 250 pessoas participaram do encontro durante todo o

dia. Para os professores, que trabalharam exaustivamente no acompanhamento, como mentores dos alunos, o resultado foi realmente além do esperado. O dia foi intenso. A participação da comunidade foi além do previsto e o entusiasmo da comunidade escolar foi percebido com nitidez.

A mentora do projeto e uma das coordenadoras, a professora Luciana Rodrigues, sentia-se realizada e falou em nome de todos, deixando uma mensagem para a comunidade de docentes: “Nós professores precisamos compreender que o sucesso do nosso trabalho se dá quando dividimos com outros as nossas angústias, os nossos questionamentos, os nossos fracassos, mas também as nossas ideias, os nossos sonhos, a nossa vontade de realizar, independente das circunstâncias. Que aprendamos a olhar o nosso aluno como a coisa mais importante, pois o resto vem com o tempo. Se não chegar, pelo menos teremos a certeza de que a nossa tarefa estará cumprida”, filosofou.

O objetivo de levar os estudantes do Roraima à China foi concretizado com sucesso, mesmo que tenha sido apenas por um dia.

Escola Municipal Roraima

Estrada do Porto Velho, 50 – Cordovil – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21012-140

Tels.: (21) 2485-1140 / 2485-1150

Diretora-geral: Gisélia Grácio Lopes

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

O bom de educar desde cedo

O prêmio Nobel de Economia explica por que deixar de fornecer estímulos às crianças nos primeiros anos de vida custa caro para elas – e para um país

Monica Weinberg

Ao economista americano James Heckman, 65 anos, deve-se a criação de uma série de métodos precisos para avaliar o sucesso de programas sociais e de educação – trabalho pelo qual recebeu o Prêmio Nobel, em 2000. Nessa data, Heckman estava no Rio de Janeiro, numa das dezenas de visitas que já fez ao Brasil. Achou que fosse trote quando lhe disseram da premiação. Formado por Princeton e há 36 anos professor da Universidade de Chicago, Heckman se dedica atualmente a estudar os efeitos dos estímulos educacionais oferecidos às crianças nos primeiros anos de vida – na escola e na própria família. Sua conclusão: “Quanto antes os estímulos vierem, mais chances a criança terá de se tornar um adulto bem-sucedido”.

Foto: <http://www.ksu.edu.sa/sites/ksu/arabic/News/PublishingImages/heckman.jpg>



– **Em seus estudos, o senhor conclui que não há política pública mais eficaz do que investir na educação de crianças nos primeiros anos de vida. Por quê?**

A razão é econômica. A educação é crucial para o avanço de um país – e, quanto antes chegar às pessoas, maior será o seu efeito e mais barato ela custará. Basta dizer que tentar sedimentar num adolescente o tipo de conhecimento que deveria ter sido apresentado a ele dez anos antes sai algo como 60% mais caro.

Pior ainda: nem sempre o aprendizado tardio é tão eficiente. Não me refiro aqui apenas às habilidades cognitivas convencionais, mas a um conjunto de capacidades que deveriam ser lapidadas em todas as crianças desde os 3, 4 anos de vida.

– **O senhor poderia ser mais específico em relação a essas habilidades?**

Há evidências científicas de que dois tipos de habilidade têm enorme influência sobre o sucesso de uma pessoa na vida. No primeiro grupo, situam-se as capacidades cognitivas – aquelas relacionadas ao QI. Por capacidades cognitivas entenda-se algo abrangente, como conseguir enxergar o mundo

de forma mais abstrata e lógica. Num outro grupo, igualmente relevante, coloco as habilidades não cognitivas, relacionadas ao autocontrole, à motivação e ao comportamento social. Essas também devem ser estimuladas no começo da vida. Embora sejam cientificamente menosprezadas por muitos, descobri que elas estão diretamente relacionadas ao sucesso na escola – e, mais tarde, no próprio mercado de trabalho.

– **É realmente possível estimular esse tipo de habilidade?**

Sem dúvida. Obviamente, há diferenças entre as pessoas, e estamos falando de capacidades muito relacionadas a personalidade e temperamento. Mas elas podem e devem ser melhoradas desde bem cedo. Defendo isso por uma razão: mesmo quando as intervenções em crianças pequenas não têm impacto sobre o QI, elas costumam trazer ótimo resultado sobre as capacidades não cognitivas. Muitos especialistas tendem a reduzir tudo ao QI, que é, logicamente, primordial para prosperar numa sociedade moderna. Hoje, no entanto, não se vai muito longe sem aquilo que poderíamos chamar de traquejo social, ou a capacidade de manter o controle diante de situações adversas. Isso pode ser desenvolvido. E, quanto mais cedo, melhor.



"Na educação, há sempre a tentação de reduzir tudo à luta do capitalismo contra o marxismo. Um país ganha muito quando retira o debate do terreno político e o põe sobre bases científicas e econômicas"



– **O que falta é investir mais na pré-escola?**

Também. As escolas têm um papel fundamental, especialmente quanto ao desenvolvimento das habilidades cognitivas. Mas enfatizo ainda a relevância dos programas sociais que tenham foco nas famílias, de modo que elas consigam fornecer os incentivos certos num momento-chave. Iniciativas mínimas têm altíssimo impacto, como o hábito de conversar com os filhos ou emprestar-lhes um livro. Só que alguns pais precisam ser orientados a fazer isso, daí a necessidade de programas específicos. Não afirmo isso por bom-mocismo ou ideologia,

Appai
Tel.: (21) 3983-3200 / 3147-3153
Portal: www.appai.org.br/ciclo/form.asp
e-mail: treinamento@appai.org.br

1 - Oficinas Bial
 Avaliação do Estresse
 Comunicação Alternativa
 Matemática
 Leitura Dinâmica e memorização
 Transtorno de conduta e de Aprendizagem
Avaliação: Aprendizagem e Piaget
Período: de 10 a 20 de setembro
Horário: das 11 às 21 horas

Senac Barra Mansa
Tel.: (24) 3323-4942

1 - Práticas pedagógicas em atendimento à pessoa com necessidade especial
Objetivos: Participar da construção de uma pedagogia para a infância que contemple as especificidades das crianças nas diferentes faixas etárias.
Descrição: Aperfeiçoamento com 60 horas presenciais desenvolvido para profissionais interessados em promover adaptações nos ambientes escolares e não-escolares, contribuindo para uma inclusão mais significativa para todos, tendo sempre em vista "O Projeto Pedagógico" do Senac-Rio.
Data prevista: 18/8/2009 a 29/12/2009
Horários: às terças-feiras das 14 às 17 horas
Requisitos: Ensino Médio completo
Duração total: 60 horas
Onde acontece: Senac Barra Mansa

Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - RJ
Tel.: (21) 2567-4880

1 - Curso de Libras na Feneis – RJ
 Local: Rua Santa Sofia, 149
 Tijuca – Rio de Janeiro/RJ

Movimento - Formação e Pesquisa em Educação Somática
Tel.: (21) 2288-2151

Oficinas:
 A Educação Somática é um campo teórico-prático que se interessa pela consciência corporal, ou seja, as relações dinâmicas entre o movimento do corpo, a consciência, a aprendizagem e o meio.
Objetivos gerais: Capacitar o profissional a desenvolver sua própria consciência corporal, bem como a de seu cliente.
Para o professor de educação física: A formação em Técnicas de Educação Somática contribui para o desenvolvimento da capacidade de performance, tornando o corpo mais versátil e apto para enfrentar as exigências do esporte. De outro lado, as técnicas de Educação Somática podem agir na prevenção de problemas como tendinite, artrite, artrose, hérnia, postura inadequada etc.
Para o psicólogo ou pedagogo: Visando ao desenvolvimento da autoestima da pessoa, o psicólogo ou pedagogo pode lançar mão de técnicas através das quais a pessoa pode refinar sua consciência corporal, integrar diferentes facetas de si próprio e transformar a percepção que tem do mundo.
Datas: 26 e 27 de setembro; 17 e 18 e 31 de outubro; 1 de novembro e 5 e 6 de dezembro
Local: Espaço Sauer Danças

Casa da Leitura
Tel.: (21) 2557-7437

1 - Leitura: Conceitos, Espaços e Modos
Objetivos: O curso visa discutir a leitura em suas várias concepções ao longo dos tempos, com ênfase nas transformações ocorridas na

atualidade, por conta da influência dos meios de comunicação de massa e pelo uso da informática. Objetiva, ainda, comentar a ampliação dos espaços e modos de leitura sob o forte apelo da sociedade de consumo.
 Professora Glória Pondé – Mestre e Doutora em Letras pela UFRJ. Pós-doutoramento em Paris pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Ensaísta e autora de literatura infantil e juvenil.
Período: de 1 a 29 de agosto – somente às terças-feiras.
Horário: das 15 às 17 horas

2 - Arte da Convivência – Os Contadores de Histórias
 Aborda a arte de contar histórias como estratégia para desenvolver o prazer de narrar e de ler, e como forma de mediar a realidade, reinterpretando-a. O curso objetiva sensibilizar profissionais de diferentes áreas a partir de informações teóricas e práticas, da escolha do repertório e acervos pessoais, passando pela expressão corporal, indicações bibliográficas e apresentação pública. Com o professor Francisco Gregório Filho – ator, contador de histórias e um dos fundadores da Casa da Leitura.
Período: de 2 a 23 de agosto – somente às quartas-feiras.
Horário: das 9:30 às 12:30 horas

3 - Oficina de Redação para Professores
 A palavra, linguagem e signo, gêneros textuais, intertextualidade, interdisciplinaridade, tipos de redação, função social da literatura. Com a professora Raquel Naveira – Formada em Letras e Direito pela FUMCT, Mestre em Comunicação pela Universidade Mackenzie, Doutoranda em Literatura Portuguesa pela USP. Ensaísta e poeta.
Período: de 3 de agosto a 29 de setembro – somente às quintas-feiras.
Horário: das 9:30 às 11:30 horas

4 - A Arte da Leitura – Oficina Permanente de Leitura para Professores
 Quatro encontros que têm por objetivo auxiliar os mestres na tarefa de despertar em seus alunos o prazer de ler. Leituras de textos diversos em diferentes gêneros; serão indicadas estratégias de trabalho com os livros de modo informal e lúdico. A oficina possui caráter permanente, isto é, reabre todo início de mês com novas turmas de professores que poderão "programar" sua participação até o mês de novembro. Com a professora Suzana Vargas – Mestre em Teoria Literária pela UFRJ, poeta e autora de Literatura Infantil. Publicou, entre outros, *Leitura: uma aprendizagem de prazer* (ensaio) e *O amor é vermelho* (poesia).
Período: de 7 a 28 de agosto – somente às segundas-feiras.
Horário: das 9:30 às 11:30 horas

5 - Ver, Olhar e Tocar: os Modos de Ler o Livro Raro
 Evolução e fascínio, da História do Livro ao Coleccionismo. O Livro Raro em sua materialidade: Bibliologia, Bibliografia e Raridade. O amor ao livro: Bibliofilia, Bibliocleptomania e Coleccionismo. Tocar o Livro Raro: manuseio, leitura e convivência. Com a professora Ana Virgínia Pinheiro – Bibliotecária, professora da Escola de Biblioteconomia da Unirio. Mestre em Administração Pública e Chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional.
Período: de 7 a 28 de Agosto – somente às segundas-feiras.
Horário: das 15 às 17 horas

6 - Letras Fritas - Ensinando Professores a Ensinar a Escrever
 A oficina tem por objetivo auxiliar os professores a trabalharem a escrita na sala de aula de modo criativo e divertido, utilizando diferentes estratégias, desde a leitura de textos até outros recursos técnicos, como colagens e dramatizações. Com a professora Sílvia Carvão, formada em Letras pela Uerj e com mais de dez anos de experiência em oficinas de escrita.

Período: de 8 de agosto a 26 de setembro – somente às terças-feiras.
Horário: das 9:30 às 11:30 horas

7 - Fernando Pessoa: A Janela e o Espelho
 O curso estudará a produção literária do autor analisando aspectos de sua vida e obra à luz de seus estudiosos (João Gaspar Simões, Cleonice Berardinelli, Robert Bréchon, Angel Crespo, Antônio Tabucchi e outros). Aspectos filosóficos, o processo da heteronímia e a obra ortoníma serão abordados também através de leituras dramatizadas. Com o professor Paulo César de Oliveira – Ator, diretor e autor de teatro. Curso Letras (UFRJ) e Comunicação (PUC). Adaptou para o teatro, entre outros, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Groucho Marx, Jonathan Swift. Desde 1996, trabalha com a obra de Fernando Pessoa, tendo montado, dirigido e encenado os espetáculos *Encontro com Fernando Pessoa, Todas as Cartas de Amor são Rídiculas* e *Encontro com Bernardo Soares*.
Período: de 8 de agosto a 24 de outubro – somente às terças-feiras.
Horário: das 17:30 às 19:30 horas

8 - Histórias de Vida - Leitura e Escrita na Terceira Idade
 Escrever o vivido, descobrir sua história pessoal através da escrita e da leitura. A oficina trabalhará as possibilidades da memória como fonte de inspiração para a criação de histórias. Com o professor Furio Lonza – Jornalista, ficcionista, autor de literatura infantil e juvenil. Publicou, entre outros, *Guia de Autoajuda para quem assiste TV, As Mil Taturanas Douradas* (Prêmio Jabuti 1998) e *Eric com o Pé na Estrada*.
Período: de 9 de agosto a 27 de setembro – somente às quartas-feiras.
Horário: das 15 às 17 horas

9 - Leituras de Vestibular
 Curso que pretende apresentar aos estudantes de segundo grau, de modo lúdico e prazeroso, os clássicos da literatura brasileira geralmente estudados como matéria de vestibular. Com a professora Ângela Dias – Mestre em Letras pela UFRJ, professora de Língua e Literatura Brasileira no Colégio Anísio Teixeira (Ceat).
Período: de 10 de agosto a 30 de novembro – somente às quintas-feiras.
Horário: das 15 às 17 horas

10 - Sem Medo de Guimarães Rosa
 Introdução à obra de Guimarães Rosa, no ano em que se comemoram os 50 anos da publicação de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão Veredas*. Com a professora Cecília Costa – Jornalista, ficcionista, autora, entre outros, de *Damas de Copas* (romance).
Período: de 11 de agosto a 29 de setembro – somente às sextas-feiras.
Horário: das 15 às 17 horas

As inscrições devem ser feitas na Casa da Leitura: Rua Pereira da Silva, 86 – Laranjeiras – Rio de Janeiro, entre 9 e 18 horas. Será cobrada uma taxa de inscrição no valor de R\$ 30,00.

Estação das Letras
Tel.: (21) 3237-3947

1 - Alguns aspectos do conto – oficina de criação literária
Ementa: Noções gerais da narrativa mínima a partir da experiência da autora.
Professor: Lívia Garcia-Roza – Autora de vários livros, entre eles *Cine Odeon, Solo Feminino* e *Só restou o cão* (Prêmio Jabuti 2007).
Período e horários: De 3 a 24 de setembro – quintas-feiras, das 19:30 às 21:30 horas
Carga horária: 8 horas / aula

2 - Grande Sertão: Veredas – convite à travessia
Objetivo: Alcançar o pensamento poético de Guimarães Rosa, ou sua cosmovisão, a partir da leitura da obra *Grande Sertão: Veredas*, isto

é, o modo como vê e interpreta o mundo e a natureza, inclusive humana.

Método de trabalho: Leitura e debate de trechos selecionados da obra e eventualmente de outros textos poéticos de Rosa, assim como entrevistas e cartas.

Professor: Ana Maria Albernaz – Mestre e Doutora em Poética pela UFRJ com a tese *Vertência do viver no Grande Sertão: Veredas*.

Período e horários: De 9 de setembro a 28 de outubro – quartas-feiras, das 14:30 às 16:30 horas

Carga horária: 16 horas / aula

3 - Como elaborar TCCs/Monografias – abordagem prática
Objetivo: Desenvolver habilidades e competências para que graduandos e pós-graduandos construam uma monografia baseados em pressupostos metodológicos e a valorizem como uma chance de conquistar sua autonomia intelectual – entendida como capacidade para "a busca permanente de conhecimentos sobre um tema, um assunto, uma ciência, uma situação-problema". São consideradas as novas normas da ABNT, bem como as das várias instituições universitárias.

Professor: Albenides Ramos – Ms. Sc. pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Geografia), com longa experiência em pesquisa e no ensino universitário, no Brasil e no exterior.

Período e horários: De 14 de setembro a 16 de novembro – segundas-feiras das 10 às 12 horas.

Carga horária: 16 horas / aula

4 - Curso teórico e prático de editoração e preparação de originais
Objetivo: Trabalhar o processo de editoração em todas as suas etapas. Como é feito um livro e quais seus elementos (lombada, guarda, seção, epígrafe etc.); normalização, estética e padronização. Exercícios de preparação de originais com correção comentada individualmente pelo professor. Serão estudadas relações entre editor e texto e de editora e autor na negociação dos contratos de edição.

Professor: Alvanisio Damasceno – Jornalista formado pela UFF. Desde os anos 1980 trabalha no meio editorial como revisor, preparador de originais, redator e divulgador em editoras como a Record, Ediouro, Rocco entre outras. Há seis anos é editor e sócio da Quartet.

Período e horários: 1ª turma, de 16 de setembro a 4 de novembro – quartas-feiras das 10 às 12 horas. 2ª turma, de 16 de setembro a 4 de novembro – quartas-feiras das 19:30 às 21:30 horas

Carga horária: 16 horas / aula

5 - Como se faz uma biografia
Objetivo: O que é uma biografia. Como se estrutura e se realiza uma pesquisa. A técnica de entrevistas. A contextualização histórica. Como os computadores ajudam os pesquisadores. Como a pesquisa se transforma em livro. Estudos de casos de biografias bem-sucedidas.
Professor: Cláudio Aguiar – Ensaísta, ficcionista, dramaturgo e biógrafo com diversos títulos editados. Publicou, entre outros, o livro *Franklin Távora e seu tempo*.

Período e horários: De 8 de outubro a 26 de novembro – quintas-feiras das 18 às 20 horas.

Carga horária: 16 horas / aula

Cepuerj
Tel.: (21) 2334-0318

1 - II Seminário de Pesquisas e Práticas Pedagógicas – Linguagem Visual e Educação: o Sentido do Texto Visual em Sala de Aula
Inscrições: até 11 de setembro
Data do evento: 24 de outubro (sábado)
Tema: Linguagem Visual e Educação: o Sentido do Texto Visual em Sala de Aula
Público-alvo: Professores, alunos de licenciatura e educadores em geral.

Escrever de verdade

Parte Final

Ser autor exige pensar no enredo e na estrutura

O terceiro aspecto fundamental no trabalho de produção textual é garantir que a criança ganhe condições de pensar no todo. Do enredo à forma de estruturar os elementos no papel: é preciso aprender a dar conta de tudo para atingir o leitor. Esse processo denomina-se construção de um percurso de autoria e se adquire com tempo, prática e reflexão.

Os estudos em didática das práticas de linguagem fizeram cair por terra o pensamento de que a redação com tema livre estimula a criatividade. Hoje sabe-se que depois da alfabetização há ainda uma longa lista de aprendizagens. Foi considerando a complexidade desse processo que Edileuza Gomes dos Santos, professora da EM de Santo Amaro, no Recife, desenvolveu um projeto de produção de fábulas com a 3ª série.

Ela deu início ao trabalho investindo na ampliação do repertório dentro desse gênero literário. Só assim foi possível observar regularidades na estrutura discursiva e linguística, como o fato de que os animais são os protagonistas. “Escolhi esse gênero porque ele tem começo, meio e fim bem marcados, algo que eu queria desenvolver na produção da garotada”.

Para que o jovem seja capaz de elaborar um texto com as próprias ideias e dentro das características de um gênero, é preciso que desenvolva um percurso de autoria

A primeira proposta foi o reconto oral de uma fábula conhecida. “Isso envolve organizar ideias e pode ser uma forma de planejar a escrita”, endossa Patricia Corsino, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando já dominamos todas as informações de uma narrativa, podemos focar apenas na forma de expor os elementos – mas esse é um grande desafio no início da escolaridade.

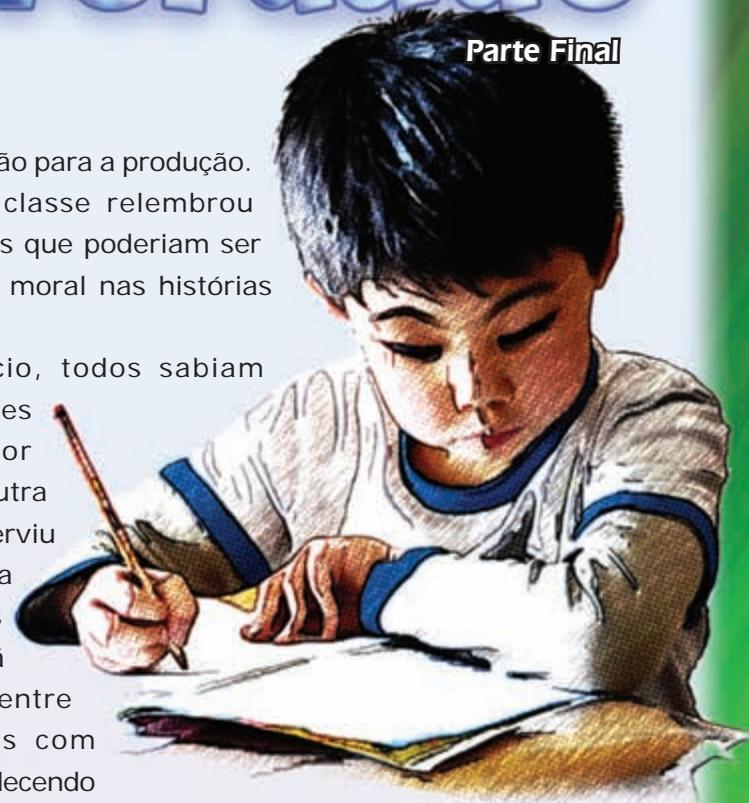
Na turma de Edileuza, as propostas seguintes foram a re-escrita individual e a produção de versões de fábulas conhecidas com modificações dos personagens ou do cenário. Aos poucos, todos ganharam condições de inventar situações. A professora percebeu que a turma não entendia bem o sentido da moral da história. Pediu, então, uma pesquisa sobre provérbios e seu uso cotidiano.

Com essa compreensão e um repertório de ditados populares, Edileuza sugeriu a criação de uma fábula individual. Ela discutiu com o grupo que elas geralmente têm como protagonistas inimigos tradicionais (cão e gato ou gato e rato, por exemplo). Estava colocada

a primeira restrição para a produção. Em seguida, a classe lembrou alguns provérbios que poderiam ser escolhidos como moral nas histórias criadas.

Desde o início, todos sabiam que as produções seriam lidas por estudantes de outra escola, o que serviu de estímulo para bolar tramas envolventes. “Há uma diferença entre escrever textos com autonomia – obedecendo à estrutura do gênero, sem problemas ortográficos ou de coerência – e se tornar autor”, diz Patrícia Corsino. “No primeiro caso, basta aprender as características do gênero e conhecer o enredo, por exemplo. No segundo, é preciso desenvolver ideias”. Para chegar lá, a interação com professores e colegas e o acesso a um repertório literário são fundamentais.

Do 6º ao 9º anos, o processo de construção da autoria pode exigir desafios que sejam cada vez mais complexos: a elaboração de tensões na narrativa ou a participação em debates para desenvolver a argumentação, como fez a professora Maria Teresa, do Rio de Janeiro. “A re-escrita, primeiro passo para a construção da autoria, pode vir com propostas de produção de paródias, no caso dos maiores, que exigem mais elaboração por parte das turmas”, diz Roxane Rojo. Uma boa forma de fazer circular textos nessa fase são os meios digitais, como blogs e a própria página do colégio na internet. Os jovens podem se responsabilizar por todas as etapas de produção, inclusive pela publicação, o que os estimula a aprimorar a escrita. Levar os estudantes a se expressar cada vez melhor, afinal, deve ser o objetivo de todo professor.



Matéria cedida pela Revista Nova Escola

Colaboração: Tadeu Breda

Novos rumos

Projeto visa à realização de ações educativas e preventivas por uma vida melhor

Claudia Sanches

Em São João de Meriti a “caminhada ecológica” organizada pelos docentes e discentes, das classes da Alfabetização ao 5º ano, da Escola Municipal Valério Villas Bôas Filho foi marcada pela determinação e empenho da comunidade e da escola. Estudantes, professores e pais entregaram sementes, cataram lixo na rua e passaram informações sobre cuidados com o meio ambiente aos moradores, dando continuidade a mais uma fase do projeto *Meriti limpa, Meriti linda – da sala de aula para o meio ambiente*.

O trabalho surgiu a partir do programa “Meriti Limpa”, da prefeitura, com a proposta de sanear e trabalhar as questões ligadas ao lixo, aos focos de doenças e outras precariedades apresentadas no município, tendo a educação como parceira na busca das soluções e realizações. “Sabemos que não há como parar de produzir lixo, mas podemos minimizar a incidência e cuidar melhor dele para que não seja causador de doenças e enchentes”, justificou a diretora da escola, Audrem Figueiredo.

A professora Rose explicou que a iniciativa surgiu da necessidade revelada pelos moradores do município de resolver a questão do saneamento, do lixo e também para levantar a autoestima do cidadão meritiense. “Tudo começa na educação. A equipe pedagógica resolveu abraçar a campanha do meio ambiente com um conceito mais amplo de ecologia. O cuidado se estende à escola, à casa, ao corpo, abrangendo saúde e higiene, ao amigo etc. Plantamos uma semente. Não adianta reclamar que não há hospital, mas teremos interessantes resultados se fizermos um trabalho preventivo nessas áreas”.

Na escola, o trabalho foi dividido em três momentos: na primeira passeata, a escola focou o problema da dengue; na segunda, o manejo da terra e, na terceira, o objetivo principal foi despertar a população para a questão da cidadania e das ações solidárias. Divididos em alas, os aprendizes represen-



tavam vários subtemas, entre os quais “coleta seletiva”, “plantando saúde”, “Meriti limpa, Meriti linda” e “O que eu quero é o que eu mereço”, que falou sobre os direitos e deveres do cidadão.

Em sala de aula as atividades envolveram todos os conhecimentos de forma multidisciplinar. Jacqueline Cabral, uma coordenadora do projeto e professora multiplicadora, participou de uma oficina da Petrobras para aprender a manipular matérias derivadas do petróleo. E, ao final, levou o aprendizado para dentro das salas dando a oportunidade de todos os educadores explorarem o tema em suas disciplinas.

Em Português, interpretação e produção dos textos; em Matemática, a leitura e o trabalho em cima de gráficos e tabelas; em ciências, as doenças e o tempo de decomposição das diversas matérias na natureza.

Nas aulas de Arte a professora de Biologia Ryna Wanzeler desenvolveu uma garrafa de *pet* e foi realizada uma exposição de brinquedos feitos com sucata. “A próxima etapa será a confecção de uma vassoura *pet*”, adiantou a bióloga.

Para mostrar que a higiene pessoal também faz parte do meio ambiente, a professora Jacira fez a leitura de textos sobre o reinado e o piolho: “Cuidar do corpo também faz parte do meio ambiente, e aprendemos que o hábito de tomar banho diariamente foi herdado dos indígenas. Vimos que até as perucas das imperatrizes eram infestadas de piolhos, o que deve ter sido um problema de saúde pública sério na época, já que o clima do Rio é muito quente e úmido”.

Ao final da culminância, a diretora do colégio considerou o resultado da ação acima da média esperada. Segundo ela, todos puderam extrair de alguma forma a essência do projeto, que é a mudança de atitude em prol de uma melhor qualidade de vida. “O trabalho surgiu em sala de aula, mas propõe metas e ideias para nossas vidas. Os pequenos cidadãos meritienses que participaram desse evento serão os futuros profissionais e multiplicadores que terão orgulho do lugar em que nasceram”.

Escola Municipal Valério Villas Bôas Filho
Rua Dantas Brasil Valério, s/nº Lote 7 – quadra 11
Venda Velha – São João de Meriti/RJ
CEP: 25580-163
Tel.: (21) 2757-7083
Diretora: Audrem Figueiredo
Fotos: Marcelo Ávila

Música na Sala

Faça uma pesquisa rápida entre seus colegas, professor: Quantos ouvem música enquanto trabalham em casa, corrigindo provas, por exemplo? A grande maioria, com certeza. Talvez até mesmo você tenha esse hábito. Ora, você está lendo uma matéria escrita em parte ao som de Martinho da Vila.

Seus alunos também fazem suas lições, em seus quartos, com um CD ou rádio ligado ao lado. Alguns professores e pais de alunos reclamam desse hábito. Mas, se é algo que normalmente fazemos, é difícil proibir ou botar a culpa do baixo rendimento escolar no Sepultura, na Britney Spears ou nas Spice Girls. Vantagens em alto e bom som: O uso correto da música pode propiciar bons resultados em sua sala de aula. Pode ajudar tanto na concentração quanto no relaxamento de seus discípulos.

Por exemplo, você acha que as salas de operação são silenciosas como nos filmes? A maioria dos cirurgiões tem suas músicas e artistas preferidos que são colocados para tocar durante todo o procedimento. Com isso, eles conseguem evitar que a mente divague e se concentram mais naquele trabalho. Outras vantagens foram descobertas pelo psicoterapeuta búlgaro Georgi Losanov. Na década de 1970, ele descobriu que a música barroca incentivava o lado direito do cérebro e a absorção de conhecimentos.

A partir desse estudo, os alemães orientais desenvolveram um método em que canções barrocas eram usadas como fundo em treinamentos. Dessa maneira, eles afirmavam estimular o lado direito do cérebro e acelerar a aprendizagem. Ao mesmo tempo, os sons harmoniosos fazem com que as pessoas se divirtam, aprendendo naturalmente, sem pressões. Você também pode usar todas as vantagens da música em sua sala de aula, utilizando-a de diversas maneiras. Ela pode assumir o papel de prêmio para uma classe participativa e disciplinada e até ser o ponto de partida de sua aula.

Música de fundo – Está cada vez mais difícil perceber se os alunos levam ou não rádios para a sala de aula. Eles estão cada vez menores. E a ameaça não vem só dos pequenos receptores. A Internet nos trouxe o formato de música MP3, que pode ser gravada diretamente em chips, dispensando fitas e CDs. Foi o bastante para que uma empresa japonesa desenvolvesse um relógio de pulso com um toca-MP3 embutido. Ou seja, seus alunos podem levar a música preferida para a sala de aula dentro do relógio.

Como proibir está cada vez mais complicado, a saída é usar a música como um atrativo para sua aula. É simples: consiga um aparelho de som portátil e peça para seus alunos se responsabilizarem pelas fitas ou CDs. A seguir, exponha as regras para sua turma.

O som será ligado apenas durante a resolução de exercícios, discussões em grupo e atividades similares. Nunca durante as explicações do professor. Dessa maneira, você evita distrações durante o aprendizado. Não permita nenhum preconceito com relação a gêneros musicais, nem a predominância de um só estilo de música. Imponha limites, como: “Não, essa semana já ouvimos rock demais. Alguém tem um CD diferente?”. Se for necessário, leve você alguns CDs para a sala. Dessa maneira, você os estará auxiliando a descobrir outros estilos e compositores aos quais, de outra forma, não teriam acesso.

Deixe absolutamente claro: nas aulas em que houver algum problema (indisciplina, desinteresse, conversas paralelas e outros), a música estará suspensa.

Matéria cedida pela Revista Profissão Mestre

Colaboração: Brasília Neto

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira



Conhecendo a **CRASE**

Sandro Gomes

A crase é um fenômeno fonético que expressa a junção de duas letras "a": a preposição "a" mais o artigo definido feminino "a". É muito comum haver dúvida quanto à ocasião correta de colocar a crase, mas há situações em que se pode saber, com absoluta certeza, se ela é cabível. No caso mais simples basta substituir o substantivo feminino que vem depois do "a" por um masculino. Se nessa troca for cabível o uso do "ao" (junção da preposição "a" com o artigo definido masculino "o"), o "a" que antecede o feminino recebe a crase. Vejamos o exemplo.

*O orador foi conduzido **ao** plenário.* (substantivo masculino)

*O orador foi conduzido **à** tribuna.* (substantivo feminino)

Nem sempre, porém, é possível utilizar esse recurso, de forma que outros aspectos deverão ser observados. Passamos a abordar algumas situações que serão de grande valia na hora de saber se deve ou não ser usada a crase.

1) Não se usa crase antes de substantivo masculino.

*Ex.: A empresa faz entregas **a** domicílio.*

Obs.: Só há nesse caso a preposição "a", pois se houvesse o artigo "o" teríamos "ao domicílio". Por isso não cabe crase.

2) Não se usa crase antes de palavra no plural.

*Ex.: A carta deve ser entregue **a** pessoas habilitadas.*

3) Não se usa crase antes de verbo.

*Ex.: Ela se dedica **a** escolher as pessoas certas.*

4) Não se coloca crase antes de pronomes de tratamento.

*Ex.: Essa questão já foi passada **a** Vossa Excelência.*

Obs.: Nesse caso há algumas exceções em pronomes de tratamento como senhora ou madame.

*Exs.: Falou **à** senhora como tudo ia acontecer. / Se confessou de imediato **à** madame.*

5) Não se usa crase antes de pronome pessoal, seja do caso reto ou do oblíquo.

*Ex.: Disse **a** ela tudo o que veio na boca. / Não demorou **a** lhe dar uma reprimenda.*

6) Não se põe crase antes de pronomes de significação indefinida (cada, certo, qualquer etc.)

*Ex.: Isso se aplica **a** certa modalidade profissional. / Não houve convite **a** qualquer cidadão.*

7) Não é usada a crase antes de artigos indefinidos.

*Ex.: O cálculo deve levar **a** um resultado concreto.*

8) Não se usa crase antes dos pronomes demonstrativos "essa(s)", "esta(s)", "isso", "isto".

*Ex.: Quanto **a** essa questão estou indeciso. / A incredulidade conduz **a** isso.*

Obs.: A crase porém é usada antes dos pronomes demonstrativos aquele(s) e aquela(s).

*Ex.: Nada disso interessa **à**queles (junção da preposição "a" com o pronome aquele, que também se inicia pela letra "a", o que justifica a crase) homens. / Deu vazão **à**quela sua raiva.*

9) Não cabe a crase antes dos pronomes relativos "que", "quem", "cuja(s)".

*Ex.: Esse é o caso **a** que me referi. / Deu a peça **a** quem merecia.*

10) A crase não deve ser empregada entre palavras repetidas.

*Ex.: Os dois ficarão **frente a frente** no encontro de hoje.*

O emprego da crase constitui um assunto daqueles bastante extensos, pois há situações em que a sutileza do contexto é que vai determinar se ela deve ser usada ou não. Em outros momentos o emprego será facultativo, e há ainda várias situações em que ela excepcionalmente, contrariando as regras, deve aparecer. Esses casos não muito simples serão abordados na próxima edição. Nesses que mostramos acima o uso pode ser feito sem maiores dificuldades, bastando que se observem as regras que foram explanadas. Enquanto isso vamos tratando de ficar afiados para que a crase deixe de ser uma dificuldade. Até o nosso próximo encontro!

Sandro Gomes é Bacharel em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor do Jornal Appai Educar. Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira.

SAIBA COMO SE PREVENIR DA INFLUENZA A(H1N1)

Agosto 2009

A **Influenza A(H1N1)** é uma doença respiratória aguda e a transmissão ocorre de pessoa a pessoa, principalmente por meio de tosse, espirro ou contato com secreções respiratórias de pessoas infectadas.

Saiba como se prevenir da gripe adotando medidas simples:



ATENÇÃO

Se você estiver com febre acima de 38°C, tosse, acompanhada ou não de dor de garganta, procure o seu médico ou a unidade de saúde mais próxima.

Outras informações:

www.saude.gov.br

DISQUE SAÚDE 0800 61 1997

O que é uma boa higiene oral?

Hálito puro e sorriso saudável não são privilégio de alguns, mas sim resultado de uma boa higiene bucal obtida através de uma prática apropriada. Com os cuidados a serem tomados se chegará aos seguintes efeitos:

- Dentes limpos e livres de resíduos alimentares;
- Gengiva saudável sem sangramento nem dor durante a escovação e o uso do fio dental;
- Desaparecimento do mau hálito.

Consulte o seu dentista caso as suas gengivas doam ou sangrem quando você escova os dentes ou usa fio dental, e principalmente se estiver experimentando um problema de mau hálito. Essas manifestações podem ser a indicação da existência de um problema mais grave. Seu dentista pode ensiná-lo a usar técnicas corretas de higiene bucal e indicar as áreas que exigem atenção extra durante a escovação e o uso do fio dental.

Como garantir uma boa higiene bucal?

Uma boa higiene bucal é uma das medidas mais importantes que você pode adotar para manter seus dentes e gengivas em ordem. Dentes saudáveis não só contribuem para que se tenha uma boa aparência, como também são importantes para que você possa falar bem e mastigar corretamente os alimentos.

Manter uma boca saudável é importante para o bem-estar geral das pessoas. Os cuidados diários preventivos, tais como uma boa escovação e o uso correto do fio dental, ajudam a evitar que os problemas dentários se tornem mais graves.

Devemos ter em mente que a prevenção é a maneira mais econômica, menos dolorida e menos preocupante de se cuidar da saúde bucal, e que, ao fazermos uma boa higienização, estamos evitando o tratamento de problemas que se tornariam graves.

Existem algumas medidas muito simples que cada um de nós pode tomar para diminuir significativamente o risco do desenvolvimento de cáries, gengivite e outros problemas bucais.

Essas medidas são:

Escovar bem os dentes no mínimo três vezes ao dia e usar fio dental diariamente.

Ingerir alimentos balanceados e evitar comer entre as principais refeições.

Usar produtos de higiene bucal, inclusive creme dental, que contenham flúor.

Usar enxaguante bucal com flúor, se seu dentista recomendar.

Garantir que as crianças abaixo de 12 anos tomem água potável fluoretada ou suplementos de flúor, se habitarem regiões onde esse componente não esteja presente na água.

Fonte: Extraído de: http://www.terra.com.br/saudebucal/colgate/boahigieneoral_boahigiene.html, em 15/07/2009.

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira



corredor cultural

Tony Carvalho

Clareza, simplicidade e objetividade. A combinação dessas três características, somadas à integração de todos os membros da comunidade escolar, no sentido de propiciar um aprendizado dinâmico e eficaz, constituem o principal instrumento do projeto *Corredor Cultural*, desenvolvido pelo Ciep 168 Hilda Silveira Rodrigues, localizado no Jardim Laranjeiras, em Nova Iguaçu.

O *Corredor Cultural* foi criado em 2004, inicialmente, apenas voltado para o primeiro segmento do Ensino Fundamental, mas, aos poucos, o raio de atuação foi ampliado e atualmente envolve os alunos dos três turnos da unidade, incluindo as turmas de Ensino Médio do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Este ano, a mostra teve como eixo norteador o tema "O mundo de Hoje: transformações e tensões". O projeto foi desenvolvido ao longo dos dois primeiros bimestres e cada professor ficou responsável por uma das 42 turmas do colégio. "A escolha do tema foi feita no início do ano durante a semana de planejamento. Em seguida, foram definidos os subtemas e, ao término do primeiro bimestre, cada professor já havia escolhido a turma que iria liderar no decorrer do projeto. Como a nossa unidade escolar conta com 65 professores, algumas turmas foram coordenadas por dois ou três educadores", explica a diretora geral do colégio, professora Valéria Torres Rodrigues Motta.

O tema deste ano abriu um leque de possibilidades para o professor explorar os conteúdos da sua disciplina. Como uma das tensões na comunidade é a dengue, tanto os professores de Ciências quanto os de Matemática se envolveram numa pesquisa de campo para contabilizar o número de casos da doença no bairro. A pesquisa incluiu também o número de residências que utilizam inadequadamente caixas d'água, ou que guardam de forma incorreta garrafas *pet*, pneus etc. Com a coleta dos dados, as turmas que trabalharam com a Matemática montaram gráficos e estatísticas. Já aquelas que abordaram o conteúdo de Ciências tentaram conscientizar a comunidade por meio de cartazes e maquetes. Um integrante da Secretaria de Saúde também veio ao colégio trazendo larvas do mosquito.

Durante a mostra, além das palestras, os visitantes puderam conferir uma exposição de trabalhos e algumas apresentações musicais e de esquetes teatrais. A Professora de Língua Inglesa Cristina Batista Borges trabalhou com uma turma do 2º ano do ensino médio aspectos que destacam as transformações e tensões que ocorrem no Brasil e nos Estados Unidos. Juntamente com os professores Márcio, de Artes, e Suelen, de Matemática, os alunos montaram uma apresentação a partir de pesquisas sobre índices de criminalidade nos dois países e estatísticas sobre o percentual de



Alunos do 8º ano, monitorados pela professora Mary Rocha, de Língua Inglesa, abordaram os hábitos e costumes a partir dos anos 1960. Já uma outra turma destacou personalidades e acontecimentos passados através de cartazes e textos



O professor de Educação Artística Maurílio Santos trabalhou com alunos do 7º ano o Parangolé, que, segundo o artista plástico Hélio Oiticica, é a forma de vestir a arte. Já alunos do 1º ano do EJA uniram materiais reaproveitáveis e, com as habilidades manuais de cada um, produziram vários objetos de decoração



incidência de gravidez na adolescência, transtornos alimentares e consumo de drogas. Já a professora Mary Rocha, de Língua Inglesa, trabalhou com alunos do 8º ano os hábitos e costumes, desde os anos 1960 até os dias de hoje. A turma fez uma coletânea de fotos e textos em colagens que identificavam o mundo em transformação através do comportamento das pessoas nesses períodos. A turma do 2º ano do ensino médio mostrou, através de cartazes, a evolução do papel da mulher na sociedade. Cada visitante que chegava ao estande era recebido pela aluna Maria Isabel dos Reis, que fazia uma apresentação do que a turma aprendeu com as pesquisas: "No passado, a mulher não podia trabalhar e sequer tinha direito ao voto. Hoje, elas são emancipadas, ocupam funções importantes no campo político e na sociedade de um modo geral, sendo responsáveis por grande parte do sustento da família".

Já o professor de Matemática Renato Andrade trabalhou com teatro,

resgatando a personagem Capitu, de Machado de Assis. Sob a sua coordenação, os alunos do 3º ano do ensino médio encenaram uma releitura da obra Dom Casmurro, romance que é considerado uma das obras-primas da literatura brasileira. A aluna Débora Soares, intérprete de Capitu, disse estar honrada em interpretar tal papel. O aluno Kléberson Júnior, um dos 12 jovens que entraram em cena, lembra que o restante da turma participou nos bastidores cuidando do cenário, som, iluminação e vestuário. Segundo Renato, "muita gente estranha ao ver um professor de Matemática à frente de um trabalho que une Língua Portuguesa e Artes Cênicas. Mas costumo dizer que

essa foi a fórmula que eu encontrei para quebrar os receios que envolvem a minha disciplina. Fugindo do formato ortodoxo, eu me aproximo dos estudantes e consigo conquistá-los". Além disso adianta que em 2010 apresentará, juntamente com seus alunos, uma releitura da obra *O alienista*, de Machado de Assis.



A astronomia, a partir da criação da luneta, foi objeto de estudo de uma turma do 8º ano, enquanto alunos do 2º ano do EJA pesquisaram as palavras de origem francesa adotadas no Brasil



Ciep 168 Hilda Silveira Rodrigues
Avenida Santa Cruz, s/nº – Jardim Laranjeiras
– Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26353-430
Tel.: (21) 3778-0032
Diretora-geral: Professora Valéria Torres Rodrigues Motta
Fotos: Tony Carvalho

Se for por um mundo melhor, estou dentro!

Escola promove debate sobre violência e traça metas para um mundo melhor

Wellison Magalhães

Eram dez da manhã e um turno especial que iria até as 16 horas começava. As pessoas transitavam pelas salas de aula, transformadas em estandes para a exibição dos diversos trabalhos executados por alunos e professores do Centro Educacional Espaço do Saber, que realizou a culminância de um projeto que debateu a violência e o desejo de viver num mundo melhor.

Com o tema "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã", os alunos da escola em Campo Grande, montaram o projeto *Paz*, a fim de tentar compreender a violência e buscar reflexões e críticas sobre a possibilidade de que o mundo possa se transformar num lugar mais agradável para se viver. O encontro nasceu com pelo menos 3 meses de antecedência, através da professora Cristiany Marron Rabelo, que à época era a coordenadora pedagógica da instituição. Juntamente com a direção e professores da instituição, as turmas foram se organizando para o dia da apresentação dos trabalhos e a promoção do tema sobre a paz. Na verdade, como comentou uma das docentes, a Feira Pedagógica é a culminância da proposta de debater os valores da vida.

Segundo Elisabete de Barros, diretora da Escola, "o envolvimento veio pela necessidade de discutir os valores que vêm de nossas próprias

casas, e ainda uma forma de viver melhor neste mundo", diz. E não faltou criatividade nem disposição tanto do corpo docente como de pais e alunos, como afirma Elisabete: "Foi algo que tomou conta de todos. Professores ficaram depois da hora, alunos se encontraram e até os pais se envolveram levando e trazendo seus filhos para os ensaios necessários", conclui a diretora.

Nas salas de aula o que se viu foi um diversificado e criativo modo de debater a violência, sem apelar para figuras grotescas ou imagens chocantes. Com a ajuda da professora de história Adriana Marques, os alunos de diversas turmas se reuniram para montar uma cronologia das guerras. Um grande mapa com datas, eventos e imagens foi colado formando um

imenso papel de parede, oferecendo uma noção exata da grande quantidade de guerras produzidas pelo ser humano ao longo da história.

Para o aluno Lucas de Lira, de 13 anos, o trabalho ajudou não apenas a conhecer melhor os fatos que marcaram a humanidade, como o motivo ainda mais pela matéria de que mais gosta: História. Segundo o estudante, foram dias de pesquisa e reuniões, para alcançar o objetivo de expor o material pedido em sala de aula.

Mas a violência como obstáculo para a paz foi espelhada de outras formas, cada uma mais criativa que a outra. Numa sala alguns alunos desenvolveram o tema utilizando a arte como forma de combater os dias difíceis da sociedade. Estudantes usaram CDs velhos, que foram pintados



As salas serviram de estandes, e os alunos foram atenciosos ao explicar cada trabalho que fizeram

e emoldurados em caixas de papelão. A mensagem que eles deixavam a todos que visitavam o estande era de que é possível vencer o mal com o bem, e o bem em questão era o uso das artes plásticas.

Caminhando pelo corredor da escola encontramos outros trabalhos que trataram do tema. A professora de inglês Joyce Paulucio e a de português Andrea Ferreira ajudaram seus alunos com atividades que falavam de músicas que se referem à violência – inclusive com algumas dessas letras expostas –, e ainda com um imenso quadro expondo os homens e mulheres que ganharam o Prêmio Nobel da Paz, por seus feitos que ajudaram a sociedade a ser mais justa e mais humana. Para os professores e alunos, não é possível falar de paz no mundo e esquecer estes que foram ícones sociais.

Uma brincadeira, criada pelos estudantes, colocou lado a lado latas pintadas com as palavras “paz” e “violência”. A ideia era derrubar aquelas em que estava grafada a palavra “violência”, demonstrando o interesse em exterminar um mal tão cruel na sociedade. Para se viver num mundo melhor não é necessário apenas acabar com a violência e se pregar a paz. Os alunos pensaram também em como manter o planeta vivo. Para tanto, uma sala e um grupo ficaram responsáveis por demonstrar como é possível fazer a reciclagem de lixo ou economizar água. Duas maquetes explicavam como a coleta seletiva e o consumo controlado foram ajustados ao longo dos anos nas cidades.

Mas uma das salas mais interessantes da Feira foi montada pela professora Thayany Gomes, do maternal I e II. Ela preparou, com a ajuda dos pequenos alunos, ruas que lembravam o trânsito da cidade. Eram pistas com direito a marcações, faixas de pedestres e um farol para indicar se o carro poderia passar ou não. Os carros de papelão se encaixavam nos estudantes mirins, que passeavam pelas “ruas”, sendo orientados por um “guarda”, devidamente uniformizado. A mensagem da sala era quanto à necessidade de buscar “paz e educação no trânsito”.

Na sala do Pré II pais e crianças assistiram a um teatro de vara, apresentando uma história bíblica, contada pela professora Jaqueline Firmino, além de uma decoração toda feita com dobraduras. A mãe Valéria Rocha,



A peça apresentada pelos educandos usou a música e a expressão corporal para comunicar sobre a violência e como vencê-la

uma das várias presentes no evento, disse ter adorado o encontro: “gostei da participação do meu filho e da atuação dos alunos, que estão de parabéns, principalmente por falar sobre algo tão importante”, disse para logo depois se juntar a outros pais na apresentação da peça que foi preparada para o fechamento da feira.

E o público, formado por pais, alunos e professores, assistiu atento à peça dirigida e produzida pela professora de ciências Alessandra Saavedra. Falando sobre a “Inversão de Valores”, os estudantes do 6º ao 9º anos pregaram que “Direitos Humanos são para humanos direitos”, ou seja, que não é possível que aqueles que fazem a sociedade sofrer tanto com a violência gozem de tantos direitos assim.

A aluna Bruna Cristina, de 12 anos, do 7º ano, concluiu que “a sociedade não pode valorizar aqueles que fazem o que não está correto”, sentenciou. E, para fechar uma apresentação que juntou peça e coreografia, os alunos cantaram e dançaram a música de Gabriel, o Pensador “Bala Perdida”. No final a mensagem é que infelizmente “pra variar estamos em guerra”. O Centro Educacional Espaço do Saber utilizou os seus dois turnos para realizar a Feira, e contou com a ajuda de professores, funcionários e de seus 180 alunos, que se envolveram diretamente na luta pelos valores da vida, realmente demonstrando um jeito de amar como se realmente não houvesse amanhã.

Centro Educacional Espaço do Saber

Estrada do Guandu, 908 A – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23095-072

Tel.: (21) 2412-5203

Diretora: Elisabete de Barros

Fotos: Marcelo Ávila



Era uma vez...

Educadores descobrem alternativas para formar leitores

Wellison Magalhães

Descobrir formas mais criativas e eficazes de levar a literatura às crianças. Essa foi a principal meta da diretora Marinês Ferreira, do Colégio São Vicente de Paulo, quando decidiu implementar o *Projeto Reencontro – a criança reencontra o prazer de ler*, com as turmas da Educação Infantil até o 3º ano.

“A necessidade do trabalho surgiu quando percebemos que os alunos não gostavam de ir à biblioteca. Ninguém se interessava, associando-a a um lugar chato e sem movimento. Ler a história para as crianças, e aí? O que fazer para estimular o gosto pela leitura? Precisávamos apresentar a literatura de forma mais acessível, dinâmica”, justificou Marinês.

A equipe decidiu fugir da prática tradicional do livro e da escrita, e apostou em maneiras mais criativas para despertar o interesse no grupo. A professora Jake-line, da Educação Infantil, conta que, durante o planejamento, a equipe docente se reuniu para pensar o que fazer e superar o problema: “Tivemos que pesquisar muito, usar a criatividade, nos reunir em grupo para conversar com os profissionais e pensar alternativas, mas é um esforço que vale a pena”, relatou a educadora.

Na primeira fase os professores realizaram as atividades orais para fazer um diagnóstico sobre os livros conheci-

dos pela clientela. Na biblioteca, onde as crianças entrevistaram os funcionários, foram oferecidos exercícios que proporcionaram contato com as obras literárias através da manipulação dos livros ou de histórias contadas pelos adultos. Essa fase resultou em uma obra com relatos das experiências.

O projeto foi lançado para ser desenvolvido de forma prazerosa. Assim, cada professor ficou livre para propor um trabalho lúdico com sua turma. Todos utilizaram as mesmas histórias, só que cada grupo fez uma interpretação diferente. A ideia era empregar várias linguagens, como dramatizações, confecção de brinquedos, invenção

de objetos, pintura. Dessa forma, os alunos recriaram as histórias, reaproveitando materiais, recorte, colagem, entre outras técnicas.

De acordo com Marinês, a produção ficou muito rica e diversificada, revelando toda a magia dos livros. Cada um fez a “leitura” de um modo diferente. As crianças de cinco anos do Pré II editaram um livro gigante com contos de fadas lidos em sala. Para receber pais e comunidade a escola encerrou o projeto com uma tarde de autógrafos.

A professora do Pré I trabalhou sobre a obra de Monteiro Lobato, e montou personagens do “Sítio do Pica-pau-amarelo”, confeccionados com embalagens



Profissionais apostam nas artes plásticas e gêneros literários variados, desde gibis até os clássicos, como práticas alternativas mais interessantes e coloridas para formar bons leitores



Contando e encantando: o livro surpresa foi uma das produções que chamavam atenção. Ao abrir o livro-caixa, os visitantes se alegravam com os personagens do "Sítio do Pica-pau-amarelo", que embalaram várias gerações e fizeram reviver as histórias da infância

de leite. Outra turma confeccionou uma caixa-surpresa onde o "Era uma vez..." anunciava uma novidade: os leitores manuseavam as páginas da caixa e viam em terceira dimensão os bonecos produzidos a partir de palitos de picolé. O 2º e 3º anos elaboraram o porta-gibis e a Classe de Alfabetização, um belo porta-livros. Os visitantes ficavam encantados com as invenções dos pequenos artistas. A aluna Júlia Dias, do Jardim II, chamou atenção apresentando uma bela pintura, sua leitura da fábula "João e Maria". As pastas do menino maluquinho também fizeram muito sucesso tanto entre a garotada quanto entre os adultos.

Para a diretora, a avaliação do retorno do projeto ficou mais clara após a culminância:

"Com a apresentação nós enxergamos melhor o valor do nosso esforço através do olhar do outro durante as mostras. A literatura é mais um lazer na vida deles e todos têm uma história para contar".

A professora Jakeline afirmou que a iniciativa ainda conta com a parceria da família e o incentivo dos pais, para que eles também leiam e deem em casa, com seus pe-

quenos leitores, continuidade à ideia da escola: "Antes de dormir, eles já pedem aos pais que leiam um livro para eles. Assim as crianças ainda se tornam multiplicadoras desse hábito tão saudável e mágico", concluiu.

Colégio Cenecista São Vicente de Paula
Rua Prefeito Antônio Raposo s/nº – São Vicente de Paula
Araruama/RJ
CEP: 28980-000
Tel.: (22) 2666-1371
Diretora: Marinês Ferreira
Fotos cedidas pela escola



Muito trabalho e produção: os professores se surpreenderam com a capacidade dos alunos, a diversidade e a beleza dos trabalhos. O livro gigante, que reuniu vários contos de fadas, o porta-gibis, a feira de livros etc. Cada criança arranjou um jeito especial e diferente de representar as histórias que leram dentro e fora da sala de aula



PROFESSORES,

EDUCAÇÃO CONTINUADA NA
XIV BIENAL DO LIVRO - RIO
ESPAÇO PEDAGÓGICO

LOCAL: ESTANDE APPAI
LOCALIZAÇÃO: PAVILHÃO 4 "VERDE"
RUA R 16 - RIOCENTRO (PRÓX. À FLORESTA DE LIVROS)

Período: de 10 a 20 de setembro

Temas

- A leitura e a escrita
- Sala de leitura
- Matemática e arte
- Leitura dinâmica e memorização
- Potencialização cognitiva
- Conceitos Piagetianos
- Psicomotricidade e bases psicomotoras do desenvolvimento
- Transtornos de conduta e drogas
- Habilidades de inter-relacionamento
- Estresse do Professor / Síndrome de Burnout
- Informática educacional
- Avanços da avaliação no século XXI
- Sexualidade na infância e na adolescência
- Educação especial / Comunicação alternativa
- Dificuldades e transtornos de aprendizagem
- A voz do professor

Palestras e Debates no Auditório Euclides da Cunha - Pavilhão 3 "Azul" (300 lugares)

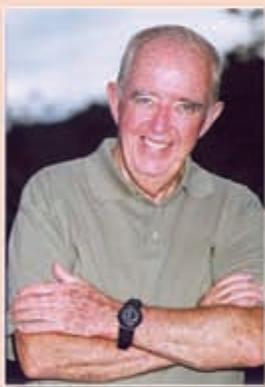


**Dia 11/09
às 16h**

**Fernando
William**

Secretário Municipal de
Assistência Social do
Rio de Janeiro.

Tema: **Pensando as drogas na cidade e a importância do resgate da cidadania**



**Dia 15/09
às 17h**

Celso Antunes

Bel. e Lic. em Geografia;
Especialista em
Inteligência e Cognição,
pela Universidade de
São Paulo.

Tema: **As Inteligências Múltiplas e seus Estímulos**



**Dia 18/09
às 17h**

**Evanildo
Bechara**

Membro da Academia
Brasileira de Letras;
Professor Titular e
Emérito da Uerj.

Tema: **A Reforma Ortográfica**

Inscrições, datas, horários e novas palestras no espaço pedagógico - acesse o site:

www.appai.org.br

através do portal Appai.

